

B. N. L.

18882

H.-G

BAZILIO TELLES

A França e a guerra de 70



PORTO

LIVRARIA FIGUEIRINHAS

Rua das Oliveiras, 75

1916

N.º 8

18882

62936



A FRANÇA É A GUERRA DE 70

Composição e Impressão
IMPRESA CIVILIZAÇÃO
54, Trav. de Cedofeita, 56
Pôrto. _____

A SEGUIR:

A Inglaterra pacifista.

O imperialismo germânico.

Campanha e questão do Oriente.

BÁZILIO TELLES



A França e a guerra de 70



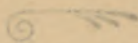
1916

Casa Editora de FIGUEIRINHAS & C.^a

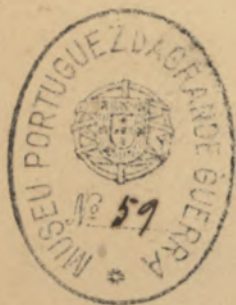
55, TRAVESSA DE CEDOFEITA, 57

PORTO

BASILIO TELLES



A França e a guerra de 70



1918

Casa Editora de FIGUEIRINAS & C.

rua da Trindade, 10

PORTO



QUASI todos os historiadores contemporâneos denominam «Confederação da Allemanha do Norte» o Estado político que atacou e venceu a França em 1870. Não vale a pena discutir se a denominação é appropriada, e se não lhe caberia com mais justeza a d'Estado federativo, conforme o sr. Seignobos o considera no seu excellentes resumo de *História contemporânea* (a contar de 1815), que propositalmente seguiremos na exposição dos principaes acontecimentos, desde aquella data occorridos, que tenham de ser evocados n'este ligeiro estudo acêrca da actual crise da Europa. O que apenas interessa por agora é consignar a circumstância significativa de ter sido elle, primitivamente, uma aspiração integralista e patriótica dos pensadores e artistas allemães, em particular de professores e da mocidade das escolas, suggerida pelas derrotas militares que a todo o mundo germânico infligira Napoleão; e desde as revoluções de 1848, um plano assente da politica da Prússia, como claramente se define e proclama no seu projecto do anno immediato.

É geralmente sabido que este pensamento d'unidade, sob a hegemonia da Prússia, de todas as populações de lingua allemã politicamente divididas não pôde ser então realisado, pela opposição da Áustria, em que algumas se integravam, e dos quatro Estados do Sul com larga tradição de independência, e mais talvez ainda pelo dissenti-

mento das opiniões sobre o sentido em que essa ideia pan-germânica deveria ser interpretada, e porconsequente sobre o modo de a pôr em execução. Polarizadas estas opiniões em dous partidos, o da «Grande Allemanha» defendido pela Áustria, o da «pequena Allemanha» sustentado pela Prússia, muito bem previu Bismarck que o problema, insolúvel pela ausência d'espontaneidade n'um accôrdo pacífico, tinha de ser resolvido a «ferro e sangue». O desinvolvimento do poderio militar da Prússia, as luctas do rei Guilherme e do seu ministro com parlamentos recalcitrantes, de vistas curtas, palavrosos, ciumentamente formalistas, embora derivados em parte d'estas difficuldades internas, a queurgia oppôr barreira, obedeciam sobretudo áquella preocupação absorvente. Se a importância d'um povo no mundo se deve medir pelo valor da sua máquina offensiva, forçoso é reconhecer que Guilherme e Bismarck tiveram razão em governar contra a mesquinha opposição de assembleias de ideólogos, e em lhe dispensar o concurso e o voto para as consideraveis despezas que um grande scopo nacional reclamava.

Foi isto, com effeito, o que os factos não tardaram a provar. Sentindo-se forte, com o seu exército superiormente equipados e organizado, a Prússia deliberou retomar o seu projecto de 1849, abrindo em julho de 1866 a campanha contra a Áustria, de que Napoleão III se desinteressara sob umas vagas promessas de Bismarck, e a que poz desfecho rápido a victória decisiva de Sadowa. Na Confederação estatuída no projecto de que fallamos, deviam entrar, com assentimento da Áustria expresso no tratado de Praga, todos os Estados allemães do Norte, incluindo o antigo *Zollverein* e os ducados do Schleswig-Holstein na hypothese de que as suas populações não preferissem continuar dinamarquezas, ficando todavia d'ella excluídos os quatro Estados do Sul. Estes porém, irritados contra o imperador francez, cujas vistas ambiciosas a seu respeito constavam d'um escripto que Bismarck perfidamente obtivera d'elle e lhe mostrara, concluíram com a Prússia tratados de

alliança *offensiva e defensiva*. Com a annexação definitiva dos ducados, após uma guerra curta e desigual, sem que fosse ao menos respeitado aquelle compromisso de se consultar o voto das populações a annexar, o pensamento da constituição da «Pequena Allemanha» teve um êxito que chegou, porventura, a exceder a expectativa do seu mais eminente promotor.

O Governo da Confederação, assim organizada, competia a um gabinete *federal*, tendo como presidente o rei da Prússia, assistido por um chanceller da sua escolha, a um conselho *federal* (*Bundesrath*), formado todo por delegados dos governos *federaes*; e a uma assembleia do império (*Reichstag*) formada por deputados eleitos por toda a Allemanha, independentemente das divisões nacionaes, e por suffrágio *universal* directo, mas com gratuidade de funcções no propósito d'excluir d'ella os operários, os socialistas sobretudo. O traço característico d'esta constituição politica, única, ao que nos consta, entre as constituições das monarchias europeias, mais ou menos modeladas pela belga, vem a ser a denegação a esta assembleia electiva do direito de legislar, substituído pelo de rejeitar quaesquer leis que o Governo lhe propozesse. Em linguagem rigorosamente jurídica, não se poderá qualificar esta constituição de aristocrática, nem sequer de conservadora no sentido restricto da palavra, pois que dentro d'ella realisou a Allemanha os notaveis emprehendimentos e progressos que desde 1870 se téem imposto á admiração e á preocupação de todo o mundo, e conseguiram não poucas nem insignificantes vantagens, económicas, e politicas as suas classes populares. O que se lhe poderá chamar é oligárchica e nacionalista, subordinada como parece estar ao duplo intuito d'uma forte unidade interior e d'uma larga expansão exterior, pela iniciativa e a preponderância que confere, e procura assegurar, ás classes lettradas e ricas, particularmente aos grandes proprietários, aos militares e aos burocratas. Essa feição resultou certamente do papel que na tarefa unificadora chamou audazmente a si a Prússia, em

que precisamente se dava o predomínio social das tres classes, e que, pelo menos desde Frederico o Grande, forneceu a muitos Estados allemães o seu melhor funcção civil e militar. Mas derivou tambem do caracter que distingue geralmente o Allemão, sobretudo da sua docilidade e do seu instinctivo respeito pelas hierarchias, naturaes ou sociaes, que poderosamente contrastam com a indisciplina, a impaciência e o instincto egualitário do Latino. O que entre nós, povos latinos, e na própria Inglaterra apezar do seu abundante sangue saxónio, se chama liberdade politica, ao menos com a extensão que abusivamente se lhe dá, reveste aos olhos d'um Allemão importância relativamente secundária. Provavelmente, affigura-se-lhe que nem toda a gente possui as aptidões para governar, nem o saber e os dotes que se requer para legislar, ao contrário do Latino, que se julga, em regra, sempre prompto para redigir uma lei, por complicada que seja, ou exercer um cargo público, por difficil que pareça. Verdadeiramente, a única liberdade que lhe interessa, e a respeito da qual seja intractavel, é a de pensar, a de se formar, como o Inglez, uma opinião sobre não importa qual assumpto, fóra da pressão ou influencia de qualquer auctoridade espiritual. E' por isso que em nenhum paiz talvez a Critica é tão extensa, profunda e irreverente como se nos revela na Allemanha. Dêem-lhe absoluta liberdade de pensar, e o Allemão, na vida social, não regateará obediência á auctoridade constituída; dêem, pelo contrário, ao Latino liberdade plena de se insurgir contra tudo quanto seja auctoridade, e elle fará bom mercado da sua autonomia de pensar. Audácia na acção, timidez, e servilismo até, no pensamento, eis o Latino nas suas relações e manifestações politico-sociaes; invertamos estes termos, eis o Germano n'essas manifestações e relações. Claro que não se tracta d'uma fórmula rígida, e muito menos completa, mas só d'alguns traços geraes psychológicos que differenciam os dous grupos de nações, e que bastarão a fazer comprehender, julgamos, a espécie

de anomalia constitucional que deixamos acima apontada.

Seja porém diversa, e mais exacta do que a nossa, a interpretação que se lhe dê, o positivo é — regressando ao que vínhamos dizendo — que a Constituição allemã não reconhece iniciativa legiferante aos eleitos para o Reichstag; que a Allemanha se tem com ella accomodado, e que sob a vigência d'ella tem progredido enormemente; que, por artificial e anómalo que aos publicistas e políticos dos outros Estados europeus tivesse parecido então esse regimen, não faltou entr'elles quem presentisse a futura grandeza do novo Estado em formação; e que, mais que todos, os da França, onde o descontentamento pela consagração em Sadowa da unidade allemã foi enorme, a presentiram, aconselhando o seu paiz a precaver-se.

A reforma do exército em 1867, um anno volvido, apenas, sobre aquelle recontro militar, obedecia já ao salutar receio de que o novo Estado, servido pela estratégia de Moltke e a diplomacia de Bismarck, inspirava aos mais habeis e patriotas políticos francezes. Era decalcada, parcialmente, sobre a que fôra concebida pelo presumido inimigo em futuro mais ou menos próximo, estabelecendo-se n'ella o principio do serviço militar obrigatório e universal. Mas, fosse pela repulsa do Francez por este serviço, fosse pela vulgar imprevidência dos politicos da época, não chegou a ser posta em execução, nem sequer se chegou a organizar a guarda mobil nem a augmentar a artilheria, como s'estatuía no projecto. Parece que se contava, no caso de guerra, com a Itália e a Áustria, visto discutirem entre si as tres Potências, nos annos de 69 a 70, um projecto de alliança e d'operações militares contra o inimigo commum.

Não obstante se fallar muito em França na «desforra de Sadowa», Napoleão e o ministro Ollivier eram partidários da paz. Não menos a desejava o rei Guilherme, embora tambem se fallasse muito além-Rheno em vingar as invasões do primeiro Napoleão e em recuperar as conquistas

tas de Luiz XIV, chamando-se á França correntemente, nas Universidades sobretudo, o «inimigo hereditário». De maneira que, apesar d'esta animosidade recíproca, a paz parecia estar plenamente assegurada na primayera de 1870.

O conhecido incidente da candidatura ao throno de Hespanha de Leopoldo de Hohenzollern foi a determinante imprevista do rompimento entre os dous povos. Inutil, pois, alargarmo-nos sobre elle, exceptuando só o do famoso despacho d'Ems, onde ao tempo o rei Guilherme s'encontrava e recebera a visita do embaixador da França (Benedetti), que a imprensa franceza mais tarde afirmou precipitadamente, bazeando-se na interpretação errónea d'umas palavras de Bismarck, haver sido falsificado pelo ministro allemão. Justo é, porém, illucidar que a accusação de o ter falsificado foi, primeiro, produzida com singular levandade pela imprensa socialista da Allemanha. Ora, a tal supposta falsificação não passava d'um resumo, que o próprio despacho aliás auctorisava expressamente. A phrase do despacho era:

«Sua Magestade deixa ao seu critério decidir se a nova exigência de Benedetti e a recusa que lhe foi opposta devem ser comunicadas aos nossos embaixadores e á imprensa». O destinátario, está entendido, era Bismarck; a exigência do embaixador francez consistia em obter de Guilherme o compromisso de *nunca* dar á candidatura do principe allemão o seu consentimento.

A phrase *falsificada* era a seguinte: «Sua Magestade recusou então receber o embaixador francez mandando-lhe dizer que não tinha nada mais a comunicar-lhe». A secura, e mesmo aspereza, d'este final do despacho explica-se pela insistência de Benedetti em desejar nova audiência depois da recusa clara ao compromisso de que se fallou acima, e pela irritação que provocara em Guilherme outro despacho em que o seu ministro em Paris lhe communicava o pedido (feito por Napoleão) d'uma carta pessoal do rei garantindo ao imperador que não fôra seu intento melin-

drar a dignidade da França. Depois da exigência d'um compromisso sem limitação alguma de tempo, concordemos em que o pedido da carta não deixava de ser impertinente. Não obstante, encontrando Benedetti na gare ao retirar-se d'aquella estância balneária, disse-lhe que o seu governo continuaria as negociações.

Como, porém, Bismarck, Moltke e o ministro da guerra desejavam o rompimento com ardor, fez-se do despacho recebido um resumo próprio, visto de ter de ser publicado, para ferir a susceptibilidade dos Francezes. O Governo de Paris declarou, com effeito, que a Prússia insultara a França, pedindo logo ao Corpo legislativo os créditos precisos para o custeio da guerra. A effervescência da assembleia foi tal que Thiers, por aconselhar que se não rompesse por uma questão de forma, e reclamar a leitura do despacho, se viu mimoseado com os epithetos de « Traidor! Prussiano! »

Os créditos foram votados, e declarada a guerra á Prússia a 19 de julho. Negociou-se immediatamente com a Áustria e a Itália. Mas a Áustria limitou-se a deixar entrever que só mais tarde poderia militarmente cooperar; e a Itália pedia a prévia retirada das tropas francezas de Roma, a que Napoleão não accedeu. Todas as outras Potências se declararam neutraes; de maneira que a lucta ficou desde logo circumscripta á França e á Allemanha, incluindo os Estados do Sul, ligados á Confederação do Norte, como atraz se disse, por tratados de alliança. Era uma lucta desigual, sob todos os pontos de vista, como os factos dentro em pouco demonstraram; e por isso, a ella se oppunham com patriotismo previdente políticos como Thiers, militares como Ducrot. Tornal-a-hia aceitavel uma alliança com a Itália e a Áustria, conforme em Paris se pretendeu? É duvidoso; porque, depois do desastre de Sadowa, a força moral, que « na guerra é tudo » como dizia Napoleão 1.º, não podia ser grande no exército austriaco, nem mesmo talvez o seu valor técnico, e o auxilio italiano a pouco tambem ficaria reduzido, ainda que fosse notavel

a sua força militar (e não era), quer pela frieza do paiz em collaborar com os Austriacos, seus tradicionaes oppresores, quer pela distracção d'uma parte do exército na tarefa de realisar a unificação que a retirada das tropas frãncezas de Roma lhe imporia. A cooperação austriaco-italiana protrahiria mais a lucta por certo; mas não augmentaria notavelmente as probabilidades de victória. Só a Inglaterra poderia, se quizesse, preparar esta victória, pelo menos impedir a derrota e o desmembramento da França.

Não os preveria? Ignoramo-lo. Quaesquer que tivessem sido então os motivos d'ella, a sua abstenção no conflicto, pelo menos como intermediária amigavel logo que se tornou conhecido o tormidavel desastre de Sedan, foi um erro de palmatória, como se costuma dizer; e erro que pagaria muito caro, se o erro tão grande, ou ainda maior, da Allemanha em annexar-se a Alsácia com uma parte da Lorena, não tivesse tornado impossivel a idéa (de Júlio Ferry, se não nos enganamos, e ulteriormente de Clemenceau) d'uma approximação das duas nações então belligerantes. E erro que ainda poderá vir a expiar cruelmente se a victória na guerra travada ha pouco se não inclinar, d'um modo decisivo, para ella e as nações com que está cooperando. Isto, porém, é outra questão. O facto é que se absteve d'intervir, como a Áustria, como a Itália, como algumas nações mais que deviam ter interesses, e por consequência voz activa, na lucta que ia travar-se.

Em França, apesar dos pessimistas que lhe adivinhavam o desfecho desastroso, havia, ao que parece, confiança no bom éxito, ou fosse por leviandade patriótica, ou fosse pela attitude bellicosa do ministério Ollivier, e sobretudo pelas palavras de sufficiência pronunciadas pelo ministro da guerra Leboeuf, que a imprensa da Europa, incluindo a nossa, não tardou a vulgarisar: «Estamos archipromptos; ainda que a guerra durasse um anno todo, nem um botão de polaina faltaria».

A toleima, a leviandade, a mania da fraude piedosa,

pecha antiga e incuravel de todos os regimens politicos já exhaustos, ou no caminho de fallência, fizeram sinceramente crêr à França que toda a contenda, tão grave e difficil na apparencia, se reduzia afinal a pouco mais do que um passeio militar até Berlim. Os vencedores da guerra d'Itália e da Crimeia, os experientes e bravos soldados, os velhos e flamantes marechaes do segundo Império, não se julgava que podessem ser vencidos, menos ainda completamente aniquilados por esses Prussianos brancos e automáticos, que o primeiro Napoleão se cançara de bater, e só quatro annos antes victoriosos em Sadowa, e só pela manifesta inferioridade militar do inimigo. O Prussiano tinha a espingarda de agulha, de que tantos elogios se fez por occasião da guerra com a Áustria; mas não tinha o Francez a *chassepot*, que lhe era superior, e além d'ella, as famosas metralhadoras, lançando «repuxos de balas» a 1:500 metros de distância? Para a forte artilharia inimiga, que apenas vagamente se receiava, suppunha-se que as metralhadoras bastariam. N'uma palavra, e independentemente do natural entusiasmo guerreiro do Francez, contava-se em Paris com generaes experimentados, com soldados tão sólidos, ou mais do que os outros soldados europeus, com material em nada inferior ao que o inimigo possuía, e com effectivos capazes, se não d'exceder, de contrabalançar os que este apresentasse; e no caso de difficuldades na offensiva, com a resistência das praças fortes como Metz, Belfort, Strasburgo, afóra outras. «A Berlim! a Berlim!» era pois o grito ingénuo que incessantemente cortava o rumor dos *boulevards*.

Mas as populações, crédulas e simplistas, e provavelmente tambem muitos politicantes—uma das mais funestas castas d'homens que ha no mundo, pela mediocridade e o charlatanismo que os distingue a quasi todos—não contavam nem com o saber técnico, nem com a disciplina rigorosa (á Napoleão I, ou á romana), nem com a organização admiravel, nem com a instrucção litterária e geographica, nem com a áncia de desforço pelos revezes e humilhações

anteriores, nem com o desejo ardente de consagrar por uma grande victória o novo império da Germânia, — dos officiaes e dos soldados com quem tinham de medir-se. E não contavam, sobretudo, com o ciúme deploravel dos seus chefes militares, nem com a incapacidade, mesmo só téchnica, d'alguns d'elles, nem com os defeitos e lacunas graves da organisação e instrucção dos seus soldados, nem com as lentidões e a falta de método na concentração e mobilisação dos effectivos, afóra as deficiências e a desordem do seu equipamento e armamento, nem muito menos com a penúria de material e d'homens para se poder levar depressa a bom termo a projectada offensiva. São críticos e historiadores francezes que, mais tarde, reconhecem e lealmente confessam a triste inferioridade da França deante do seu poderoso adversário. Tendo sido a guerra só entre dous povos demographicamente comparaveis, mas um dos quaes rico e o outro pobre, por múltiplos e sérios motivos, até só da pura esphera militar, havia a França de ser vencida. Affirmou-se depois que foi o «mestre-escola» prussiano quem venceu. Não é bem isso, embora haja n'essa opinião aphorística uma parcella de verdade. Quem venceu—e é o próprio Moltke quem o affirma—foi um certo número de virtudes cívicas e de qualidades de character que, n'essa época, deploravelmente faltaram no Francez, e que uma sábia organisação militar soube tenaz e carinhosamente aproveitar e desinvolver no Allemão. Foram—em summa—uma forte cohesão nacional e um exército superiormente organizado, armado e dirigido, e não apenas o número como levianamente se affirmou, com desprezo de mais d'um recontro em que os Allemães ficaram victoriosos apezar de numéricamente inferiores, — foram essa cohesão e esse exército quem triumphou da indiscutivel bravura dos Francezes.

Da indisciplina, não menos incontestavel infelizmente, da França social e política da época, ou com mais rigor histórico, de todo o tempo que decorre desde a queda

de Napoleão 1.º até 1870, dão pleno testemunho quasi todos os historiadores, publicistas e críticos nacionaes; e não faltou entre elles quem sentidamente a lamentasse, prevendo-lhe os desastrosos resultados para o futuro.

A França tornou-se o terreno propício não apenas ao germinar de novas idéas — que, de resto, brotavam n'outros paizes, sem exceptuar a Inglaterra, com a mesma fecundidade, — mas a todas as innovações e a todas as experiências sociaes; e um povo que assim descurava os seus interesses, esquecia as suas tradições e até a sua própria segurança, para seguir embevecido no encalço de ideólogos e de vagos ideaes humanitários, arriscava-se, como bem lhe prophetisavam alguns dos seus mais illustres escriptores, por ex. Renan, a tornar-se o ludíbrio d'outros povos. Isto nada tem que vêr com a sympathia que tão elevado uso da intelligência e do carecter desperte, e d'úvida alguma resta em que sempre despertou, em todos os corações sinceramente votados aos progressos da espécie. O que se pretende aqui lembrar é que uma grande aspiração humanitária e um sério objectivo patriótico são entre si incompatíveis, sempre que um d'estes ideaes passe da esphera emotiva á vida prática. Se um povo não pode formular-se a questão a não ser por esta forma alternativa, tem necessariamente d'escolher um d'elles, para rejeitar o outro com firmeza. Ou ser um guia espiritual, perdendo a esperança de ser um grande paiz dominador, ou ser uma Potência á romana, e desistir de apostolados e messianismos philantrópicos.

A Judeia e a Grécia na Antiguidade são exemplo eloquente, uma com o seu messianismo e a outra com o seu cosmopolitismo, de povos que sacrificaram a sua existência a ideaes desinteressados; como Roma, o d'um povo que renunciou a propagandas philantrópicas para se consagrar exclusivamente ao seu engrandecimento e predomínio.

Nos tempos modernos, são a França e a Allemanha anteriormente a Napoleão 1.º, ou melhor, ás derrotas que

este segundo Cesar lhe infligiu, que representam a Grécia e a Palestina d'outros tempos; enquanto que a Inglaterra, desde Cromwell e a sua grande revolução de 1640, resolutamente preferiu a conducta do Romano. Ha por lá hoje mesmo, embora muito menos que outr'ora, bastantes propagandistas de ideaes humanitários, ninguem contesta; mas é muito para duvidar que qualquer d'elles lhes sacrificasse, não dizemos já a existência, o poderio sequer da sua ilha. A Inglaterra antes e acima de tudo: é este o voto que, atravez d'apparentes desmandos e de trasitórias chimeras, não deixa d'emittir e proclamar cada um dos seus idealistas mais sinceros e entusiastas, desde o missionário que parte, sobraçando a Biblia, a converter ao christianismo a pretalhada, até ao *gentleman* que defende com eloquência e calor o desarmamento dos povos e a paz universal. Bella cousa a paz, seductora perspectiva a fraternidade entre as nações! Mas digam ao missionário e ao *gentleman* pacifista que a Grã-Bretanha precisava, para tornar possível esse paraizo terrestre, abandonar a menor das suas possessões, ou ao menos restituir Gibraltar á Hespanha e Malta á Itália, que só pela força lhe pertencem, e o *gentleman* e o missionário interporão logo as objecções que occorreriam a qualquer dos seus ministros, dos seus generaes, e dos seus homens d'indústria e de commércio.

Resultará d'aqui menos sinceridade nos evangelisadores d'esses e outros ideaes propícios á espécie? Não. Resulta só que a sua convicção n'estas matérias subentende a preponderância do seu paiz para os tornar realidade. O philanthropo inglez considera indisputavel, quasi intuitiva talvez, a superioridade da Inglaterra sobre a grande maioria dos povos, sem excluir os europeus; e por conseguinte que os seus projectos ficariam prejudicados irreparavelmente pela raiz se começasse pel'a sacrificar a quaesquer agrupamentos humanos, que julga, com não menor sinceridade, inferiores.

E o positivo é que esta opinião não é simples enfatua-

mento patriótico, com quanto a vaidade nacional entre n'ella em larga dose, como não é um erro crasso de crítica nem grosseira illusão de perspectiva. Os vastos organismos, e soberbos egoismos nacionaes, como a antiga Roma e a Inglaterra moderna, justamente se avaliaram a si como educadores eminentes de raças inferiores ou atrazadas, e propulsores formidaveis, embora brutaes e terriveis muitas vezes, de progressos d'ordem material e social. A si próprios s'encaram sempre como espécie d'Estados-providências, de que outros carecem para sahirem por uma vez, ainda á custa d'encontrões, da sua inferioridade ou da sua letargia. Cada um tem a convicção muito viva de ser ora o único, ora o mais perfeito representante da cultura, e o typo acabado, ou o melhor modelo no emtanto, da vida social e política que os homens podem attingir.

Outras concepções d'este caracter podem surgir, e raro é que não surjam com effeito, no seio do seu escol intellectual, e mesmo encontrar sectários convencidos e militantes entre as suas classes dirigentes. Podem revestir, e é por egual frequente que revistam, a feição cosmopolita, adversa ás vezes ao espirito nacional. Estas livres efflorescências, mentaes apenas ou tambem sentimentaes, são um facto que sempre occorreu onde quer que um d'esses vastos Poderes se organisou. Mas é um facto não menos constante que nunca passaram de suggestões e tentativas individuaes isoladas, ou circumscriptas a um número limitado de discipulos e adeptos, sem influencia apreciavel na grande massa do público e no systema das instituições nacionaes, a não ser na medida em que respondiam a disposições moraes das populações, e representavam um aperfeiçoamento ou desinvolvimento lógico do systema institucional.

A liberdade de pensar e devaneiar foi sempre completa, e vista mesmo em geral com sympathia, n'essas grandes Potências seculares. O bom senso dos indivíduos e dos próprios governantes era defeza bastante contra possiveis tentações de transformar inoffensivas chimeras

em realidades perigosas. N'esses povos dominou sempre, desde o Romano ao Inglez, o que se tem chamado o «instincto práctico», quer dizer, a visão imparcial, lúcida e rápida das cousas, a discriminação prompta e segura do que é ou não realisavel, e tambem o sentimento da força própria, porconsequente a facil apreciação das condições e dos meios que a podem favorecer ou prejudicar. A sua proverbial tolerância, a sua como risonha e desdenhosa bonhomia por todas as disputas de crenças e doutrinas, não tem outra explicação que não seja esse instincto apurado e quasi infallivel da realidade accessivel aos recursos humanos, e ess'outro instincto correlativo do poder, da supremacia, da soberania prevalecente da sua civilisação e da sua raça. Pela cabeça d'estes povos nunca passou a ideia de se sacrificarem por não importa quaes outros, em nome d'um credo, d'um princípio, d'um objectivo impessoal emfim, fossem quaes fossem. Ideal que elle não possa assimilar, que não seja capaz d'incluir no corpo nacional das instituições, dos costumes, das preferências ou dos gostos, é como se não existisse para elle. Como occupação ou preocupação dos indivíduos dá-se-lhe, sem difficuldades nem repulsas, pleno direito de cidade; porque é um traço a notar e a applaudir n'esses povos o da conciliação perfeita d'uma fortíssima unidade de conjuncto com a mais ampla liberdade de cada um guarnecer, como julgue melhor, o seu espírito, alimentar o seu sentimento, e mobilar a sua casa. Intolerância porém para quanto enfraqueça por qualquer modo a cohesão, a saúde, a robustez estructural da nação, ou origine impedimento grave ao accrécimo da sua força exterior. Dentro d'este limite, que aquelle poderoso instincto dominador impõe como necessidade evidente e ineluctavel, regule cada qual, conforme queira, a sua vida, os seus negócios, as suas opiniões e as suas crenças.

É um erro, aliás muito vulgarisado tambem a propósito dos césaes, antigos e modernos, imaginar que esses povos imperialistas ignoram e desprezam os povos dominados, directa ou indirectamente submettidos ao seu com-

mando ou á sua influência. Não é possível commandar, nem dominar por qualquer maneira, senão na medida em que se conhece, e portanto se compartilha em maior ou menor grau, o character dos homens sobre quem se pretende exercer esse domínio ou esse commando. Um laço de *sympathia* recíproca, por debil que pareça, e por occulto que se queira conservar, subsiste necessariamente entre dominador e dominado, sempre que este prestígio é real e a influência se prolonga. Só em casos excepcionaes, como no de profunda discordância na conformação intellectual e moral (entre o Romano e o Judeu, por ex.), esse laço affectivo não existe, e é mesmo substituído com frequência pelo desprezo do que domina e o rancor do que é dominado; mas n'esses educação alguma séria, e sobretudo duradoura, pôde jamais o primeiro introduzir no segundo. Na hypóthese, a mais vulgar, d'affinidade *psychica* entre os dous, a differença entre um e outro está principalmente na extensão e na força da intelligência e do character. O dominado é, por via da regra, menos intelligente, é menos rico e forte nos sentimentos que o desfinem, do que o seu dominador. Por esta differença de grau, e por vezes tambem qualitativa, nas faculdades que a natureza dispensou a cada um, claro é que nem sempre o mais fraco pode comprehender o mais forte. Este é que precisa absolutamente e sempre de comprehender o seu pupilo ou tutelado — e é indubitavel que o comprehende para tornar sobre elle effectiva a sua influência educadora, ou o propósito de o associar aos seus projectos, eventualmente aos seus destinos. Se o não emprehendesse, podel-o-hia tyrannisar; o que nunca poderia era civilisal-o, e muito menos incorporal-o.

N'uma palavra: todo o imperialismo é proselytismo, implica intento e aptidões, no povo que se propõe esse papel histórico, de communicar, diffundir ao menos a parte da sua cultura e das suas instituições assimilavel pela mentalidade e o character d'outros povos, e ao mesmo tempo a consciência viva da sua superioridade, e como

d'uma espécie de direito natural a submettel-os, pacificamente ou á força, ao seu domínio. É pois um ideal cosmopolita, com a differença porém, se comparado ao cosmopolitismo sentimental ou ideológico de quasi todos os apóstolos e seitas, d'assentar n'um reconhecimento de desigualdades naturaes, e só parcialmente removiveis entre as nações e entre as raças, e de, por conseguinte, se não obstinar em os metter á força no molde da sua civilisação exclusiva, embora o único que lhe parece digno de ser conhecido e imitado.

É um cosmopolitismo condicional e restricto; embora repugnante a pretendidas egualdades e a chiméricas fraternidades, ingénitas ou a adquirir, entre os homens, é muito mais fecundo e muito mais sensato do que o preconizado pelos pensadores e apóstolos de quaesquer épocas e paizes. Um povo imperial (como um cesar) civilisa porque tem a força e os dotes para attrahir, e affeição por si, pelo seu modêlo nacional (ou individual) outros povos e outros homens. Sendo um typo organicamente superior, é ao mesmo tempo um habil psychólogo. Na Antiguidade, e na Europa, só o Romano foi esse typo e esse psychólogo; no mundo moderno, foi-o apenas o Inglez, tentou-o ser o Hespanhol sem outro resultado que não fôsse a sua ruina e a revolta das nações que sujcitou, e pretende sê-lo, ao que parece, o Allemão desde 1870.

O Francez, até certo ponto o representante moderno do Jónio antigo, não possui as qualidades requeridas para exercer um papel dominador: as conquistas e o império de Napoleão foram ephémeros, como anteriormente o haviam sido as veleidades hegemónicas de Luiz XIV e Richelieu, para não remontarmos ás pretenções dos Valois, e ao império, aliás meio-germânico, do famoso Carlos Magno. Povo incontestavelmente guerreiro, é curioso, como já bem notava Oliveira Martins, que saíha invariavelmente vencido nos seus esforços intermittentes para conquistar e dominar.

Percebe-se porquê. A sua intelligência flexivel, a sua phantasia irrequieta, a sua emotividade facil, e a sua sociabilidade eminentemente acolhedora, inutilizam-n'o para qualquer projecto de dominio, sobretudo se a execução exige tempo e continuidade nos esforços. Predispõem-n'o admiravelmente, em compensação, para propaganda incomparavel, para orgão precioso de transmissão e vulgarisação de quaesquer ideias e princípios de utilidade social, e para vehículo indispensavel das concepções mais abstrusas, como das mais fecundas theorias, que apparecem n'outros povos. Para o que é pensamento philosophico, scientifico ou esthetico, a França, além de constituir já terreno de rara fertilidade, é insubstituivel cadinho onde todo o pensamento extranho se depura e se torna assimilavel. Não ha producção nem criação intellectuaes universalizadas que não tenha soffrido, mais ou menos, essa elaboração preliminar; que não tenha sido primeiro importada, ás vezes no estado bruto, n'esse paiz tão completo para o desempenho da inestimavel missão, e recebido n'elle a forma definitiva que o tornou, de nacional primitivamente, um valor para todo o mundo. Se uma parte do direito público inglez, algumas das originaes metaphysicas allemãs, as melhores ou mais singulares producções scientificas e artisticas d'esses e d'outros povos, particularmente europeus, se diffundiram, se tornaram riqueza commum ás minorias cultas do Globo, e foram ao longe inspirar publicistas e homens d'Estado, armar combatentes polticos e revolucionar as multidões, á França principalmente, se não talvez exclusivamente, se deve. Esta funcção eminente é, ou tem sido até hoje pelo menos, seu monopólio natural, perfeitamente legitimado, de resto, pelos dotes especiaes do Francez, que toda a gente reconhece, e que ninguem, a não ser como desafogo passageiro d'algum patriota irritado, Mazzini por ex., jamais se lembrou de lhe disputar.

Se a esta funcção de permuta espiritual, d'intercambio das ideias, de quasi árbitro supremo de todos os pro-

gressos d'ordem mental e social susceptiveis de se generalisarem pelo Orbe, o Francez limitasse a sua actividade exterior, sem prejuizo — entende-se — do que possa originalmente elaborar, muito difficilmente chamaria sobre si o resentimento ou a malevolência d'outros povos. Se, e embora possua muito mais do que se pensa, apezar de transitórios desmandos, a visão justa e clara das cousas, guardasse com firmeza, na sua política interna, aquelle senso das proporções e aquelle tacto fino que impediam os Athenienses de romper na prática com as tradições e instituições nacionaes, evitaria não poucos tumultos revolucionários estereis, e não poria assim, mais d'uma vez, em perigo a sua estabilidade de nação e a sua própria segurança. Uma cousa é debater doutrinarmente reformas, discutir e mesmo fazer propaganda de princípios e ideaes humanitários, ou simplesmente considerados progressivos, outra cousa é querer introduzil-os levianamente, por intermédio de seitas com o nome de partidos, no conjuncto de instituições fundamentaes que o génio de cada povo creou, e a experiência secular e actual tem radicado. Um povo não muda d'instituições e d'hábitos como se muda de chapéu; não se despoja da sua alma, d'um dia para outro pelo menos, para se revestir d'uma alma nova. Se ha verdade bem estabelecida pela História, e corroborada no mundo vivo em geral pelas sciências biológicas, é que as transformações collectivas, realmente fecundas, são sempre operadas com extrema lentidão, salvo os casos de se reduzirem a meras conquistas materiaes ou de representarem um simples desinvolvimento de germens preexistentes, nas instituições ou nos costumes, quando não sejam para revivescência d'estados e aspirações moraes de longa data, que incidentes quaesquer tinham temporariamente adormecido. Transformações, sociaes ou políticas, que derivem unicamente de preoccupações racionaes, ou antes racionalistas, sem raiz no sentimento, n'uma necessidade, n'um instincto geral, vivamente sentido por todos, não só estão destinadas a falhar, mas são origem permanente de

perturbações e discórdias prejudiciaes, e mesmo fataes á força e á unidade do paiz que teve a imprudência de as tentar.

Desde a grande Revolução que tem sido este o caso da França, dentro e fóra de fronteiras. Quasi que não tem vivido para si, para robustecer e aperfeiçoar as instituições affins com o seu génio nacional, as suas mais característicâs tradições, e as suas aspirações legítimas de grande Potência entre as maiores. Tem vivido ora para libertar os povos do que se chamava a tyrannia dos padres e dos reis, ora para os ajudar a sacudir o jugo d'oppressores estrangeiros, ora para promover o advento económico e político das classes populares, ora para defender o internacionalismo é o triumpho definitivo e universal d'estas classes. Sympáthica, valente, generosa raça quixotesca, como na relatividade do meio histórico o foi tambem no mundo antigo a raça jónica, e provavelmente pelo mesmo feliz concurso de circumstâncias geográficas e étnicas! Mas, como sempre aconteceu a todos os Quixotes, compromettia, como dissemos, a sua preponderância effectiva entre as nações de primeira ordem, além da sua unidade moral e a sua integridade territorial. E acabaria mesmo, exactamente como o Quixote de Cervantes, se o bom-senso lhe não fizesse arripiar carreira no perigoso declive, por incitar contra si as classes e as nações ameaçadas por esse proselytismo dissolvente, e no caso de superar as resistências que vinha concitando, por entalar o mundo civilizado entre a anarchia sem freio e o despotismo implacavel. Teria substituído apenas, na mais favoravel das hypótheses, á exploração actual, incontestavel, das maiorias humanas por minorias oligárchicas a oppressão, menos intelligente e muito mais intoleravel, das minorias opulentas e cultas por maiorias pouco menos de selvagens. E o triste, ao cabo d'essa aventura, é que nem um só dos futuros soberanos collectivos lhe ficaria grato pelo sacrificio que fizera, e mais do que um não hesitaria em lhe patinar em cima, reeditando o episódio dos porcos que o genial Cer-

vantes traçou como epílogo, edificante e d'um realismo pungente, ás correrias humanitárias do seu heroe.

Bem mais escrúpulo teve a democracia atheniense em preservar a sua Constituição das innovações racionalistas dos philósofos e outros innumeraveis constructores de theorias sociaes, e todavia viu-se dentro em pouco mais d'um século supplantada pela aristocrática Lacónia, hostilizada ou esquecida por quasi todos os Hellenos com quem mantivera alliança ou amizade, e a quem transmittira a sua sciência, as suas artes, a sua civilização humanista superior, e pouco depois definitivamente subjugada por Philippe e Alexandre. O seu pensamento visceral, resumido nas duas creações exclusivas do seu génio, a Sciência e a Arte, sobreviveram, e ainda hoje nos inspiram, reconheçamos; mas á custa da sua individualidade como povo. E não teriam do mesmo modo triumphado e sobrevivido se lhe tivesse sido possível pôr mais energia, mais habilitade e mais patriótico egoísmo em se defender das phantasias sentimentaes e das abstracções dialécticas dos pacifistas, dos feministas, dos equalitários e dos cosmopolitas philanthropos que desde o século V, o seu «século das luzes» como o nosso XIX, surgiram aos cardumes do seu território esparso pelas ilhas e orlas mediterrâneas? Ha egoísmos nacionaes, como egoísmos individuaes, que equivalem a virtudes, porque são absolutamente indispensaveis aos progressos da espécie. O egoísmo romano com certeza não foi menos util, foi-o talvez muito mais, á civilização do mundo, da Europa em todo o caso, do que a generosidade e o desinteresse relativo da república d'Athenas. Perdida a sua independência, esmorecido pois o entusiasmo dos seus mais geniaes representantes, o que restaria hoje da sciência e da arte jónicas, se o Romano lhe não tivesse assimilado a cultura, não a tivesse propagado e imposto pelas armas, e n'um intuito aparentemente só ambicioso de conquistar e absorver? O facto é que o *hellenismo*, se pôde triumphar no mundo, se conseguiu neutralisar na Ásia a influéncia e sobretudo o predomínio das religiões e

das instituições que lhe são próprias, e modelar quasi exclusivamente pelo seu espirito a Europa toda, ao egoísmo nacional dos Romanos, á sua poderosa unidade jurídica e moral, á sua ambição insaciavel de vencer e annexar, deve esse éxito esplêndido, altamente civilizador, excedente ás mais optimistas previsões.

Da iniciativa de Gregos, o mais notavel esforço tentado para essa diffusão tão util á redução da barbaria e ao advento da cultura foi a expedição d'Alexandre e os seus Macedónios contra os Persas. E, comtudo é duvidoso que tivesse conseguido realisar o que o Romano, sem nenhum objectivo directo d'essa espécie, soube perfeitamente pôr em obra. Porquê? Porque o Grego, incluindo o Macedónio, não era capaz de se desfazer d'um certo número de tendências e preoccupações que o impossibilitavam de fundar um verdadeiro, um grande império. O que se tem denominado o seu *humanismo* tornava-o absolutamente rebelde á disciplina social e ao severo constrangimento pessoal que toda a aspiração imperialista invariavelmente reclama. O Italiano desde a Renascença á Revolução de 89, o Allemão durante uma parte d'esse período, no decurso do século XVIII em particular, o Francez desde aquella convulsão nacional, tiveram occasião de verificar á sua custa que toda a excessiva preocupação d'ordem mental, seja a Arte, seja a Philosophia, seja a sciência politica, e por maioria de razão, todo o ideal cosmopolita e philantrópico representa a impossibilidade de construir uma pátria, a incapacidade de a defender contra o estrangeiro, o enfraquecimento e a dissolução, ou ruina violenta, da que persistentes esforços e largos sacrificios no passado construíram.

Torna-se preciso escolher — não será importuno repetir: ou olhar pelo que vai na nossa casa, ou interessar-nos pelo que vai na casa alheia. Esta fórmula familiar exprime bem o nosso pensamento na questão. Reservar a nossa intelligência e o nosso affecto para reaes ou pretendidos soffrimentos extranhos, sem nos occorrer que não

falta a quem os applicar dentro das nossas paredes, ou é fatalidade de temperamento, intempestivo mas desculpavel, meritória até se quizerem, ou é impertinente exhibição de convicções quasi sempre factícias, quando não é manifestação extreme de vaidade, ou é desprezível processo d'incubir a nossa radical incompetência para resolver os nossos problemas internos e conjurar as múltiplas difficuldades que entenebrecem o nosso dia de amanhã. Quixotismo seductor mas collectivamente funesto, miragem pura do entendimento, e ás vezes do sentimento, implicando carência total de senso crítico, ostentação ou charlatanismo de médiocres ociosos, simples incapacidade collectiva que se reconhece e procura acobertar-se: n'estas diversas modalidades se pode resumir essa doença, ou essa mania, de reparar nos males, effectivos ou suppostos, de que soffre a humanidade. Não é raro deparar-se com philanthropos que, sempre á espera do menor incidente infortunado para enviar espaventosamente ao longe as suas hipócritas lamúrias, assistem com imperturbavel cynismo ás torpezas que diariamente occorrem a seu lado em prejuízo dos seus concidadãos.

Não é um dos menores inconvenientes da generosidade effusiva d'esses povos, a quem no mundo tem cabido uma missão dirigente espiritual, a paródia das suas faculdades superiores por mais do que um paiz, e por legiões de saltimbancos, em que é impossivel vislumbrar o menor indício de quaesquer dotes d'excepção, ou mesmo de craveira acima do comum.

O Italiano e o Allemão — vínhamos dizendo — desde ha um século, pouco mais ou menos, que se libertaram d'essa perigosa tendência a subordinar a actividade e o pensamento a preoccupações exclusivas de natureza impessoal, sobretudo a vãs chimeras de internacionalismo humanitário; e é, no emtanto, positivo terem renunciado, excepção feita de anarquistas e socialistas, a fazer das suas pátrias terreno destinado a ensaiar, na vida social e política, as congeminações dos doutrinários. Derrotas sobre derrotas, desastres após desastres, convenceram-n'os de que punham

ao serviço de povos menos bem dotados do que elles, e de longínquos, senão problemáticos, aperfeiçoamentos da espécie, energias e aptidões que deviam empregar de preferência em se organizar e fortalecer. A França, a sua minoria clarividente no entanto, desde 1870 que parecia deliberada a reconsiderar sobre a direcção errónea que a Revolução imprimira a actividade dos seus homens eminentes, e parallelamente á sua política interior e exterior. Convenida tambem por esse retumbante revez, e por vários ultteriores contratempos nas suas relações internacionaes, de que «o jacobinismo era artigo d'exportação», senão talvez de que a sua preponderância material (militar e económica) era condição primeira e imprescindivel do seu prestigio espiritual, renunciou a ingerir-se, pelo pensamento e pela acção, nos negócios e interesses d'outros povos, concentrando todos os seus esforços e cuidados a reconstituir-se das perdas experimentadas, e a readquirir o logar prevalecente de que se vira quasi expulsa. *Parecia*; porque, se na política exterior, desde aquelle «anno terrível», quasi se não faz sentir a sua acção, tão apagada, tão receiosa até se nos revela, não conseguiu rejeitar de vez, na sua política interna, a temerária, comquanto seductora, tradição radicalista que lhe ficara da sua grande crise de 93. Mais do que uma audaz experiência se fez lá, desde então, n'este sentido; e diversos symptomas, entre os quaes, por ex., algumas greves de funcionários e a deprimente campanha antimilitarista, annunciavam que outras, mais que audazes, imprudentes e desastrosas, não tardariam a fazer-se. Ninguém ignora o sobresalto que estes e outros testemunhos de desaggregação nacional, aggravados singularmente pela funesta passividade da burguezia e a inconcebivel pusillanidade dos Governos, que nem o seu próprio funcçãoalismo ousavam metter na ordem, produziram nos mais patrióticos escriptores e politicos francezes, e n'alguns publicistas estrangeiròs, que sinceramente iam deplorando a prevista marcha da mais intelligente e sociavel das nações para a derrocada.

Responder-se-ha que é este o destino que lh'está naturalmente indicado; que esse nobre papel de iniciadora de largas e fecundas reformas sociaes é precisamente o que lhe cabe entre as cinco grandes Potências intellectuaes da Europa moderna; que é esse espírito audaz d'innovações o mais puro e o mais elevado título de glória que pode invocar perante o Mundo. É possível; nem queremos agora discutir se um povo tão felizmente dotado, como o Francez, possui o direito de correr para a sua ruína, só no intento de alcançar essa glória. Suppunhamos que possui. A questão, porém, está em saber se a sua desappareição, ou o seu mero declinar na escala das nações fortes, não seria um mal irreparavel, uma d'estas perdas humanas que nenhuns dos beneficios determinados por esse enorme sacrificio seria susceptivel, jamais, de compensar. E ainda está em saber se, pondo mais um pouco de comedimento e d'egoísmo nos seus ensaios de reforma, que aliás outros povos mais pequenos podiam tentar sem grande risco, e téem com effeito já tentado, a Suíssa por ex.; se velando emfim, com mais previdente ciúme pela sua unidade interior e pela sua força exterior, não garantiria com mais efficácia o influxo educativo que se lhe tem attribuído com verdade, mas que, e precisamente desde que o desastre de 70 a subalternisou, e por annos isolou, entre as Potências, tem pouco a pouco declinado, e tende cada vez mais a ser substituído por correntes espirituaes d'outras origens. Ora, já escrevemos algures que a sua subordinação como Potência importaria para a civilisação do mundo um prejuizo incalculavel, e aqui affirmamos que a sua funcção propagandista, d'intermediária preciosa na elaboração definitiva e no intercâmbio das ideias, ficaria por esse facto annullada certamente, e até mesmo a sua fecundidade conceptiva d'outr'ora, talvez compromettida sem remédio. Ao contrario, ficariam seguramente firmadas se, combatendo sentimentalidades indicativas de fraqueza, e pruridos de remodelação social de mais que duvidosa repercussão internacional, e mais que incerta vantagem para si mes-

ma, velar de preferência pela sua robustez e estabilidade estrutural.

Repare-se em que desde aquella data luctuosa, o seu commércio e a sua indústria, se têm accusado alguns progressos (e só talvez por uma protecção excessiva, contra-producente no fundo, que o Estado lhes dispensou), têm contudo declinado em relação aos d'outros paizes; e em que a sua hegemonia intellectual, incontestavel ainda ha apenas meio-século, se deslocara quasi integralmente para a Inglaterra e para a Allemanha. Tem sido, e sempre a contar d'esse fatídico anno de 70, uma decadência constante no ponto de vista da acção pacífica que um povo pode exercer sobre outros povos; e essa decadência revela-se em perfeito synchronismo com a depressão na importância exterior económico-política que d'aquelle desastre lhe resultou.

O rigoroso parallelismo nas desvalorisações apontadas será fortuito, e por ventura passageiro? Ou não será antes definitivo, e determinado inevitavelmente pelas tendências cosmopolitas que os escriptores a quem nos referimos atraz assignalavam, e cujas desagradaveis consequências para a França não punham d'úvida em lastimar? Os homêns capazes de reflexão tranquilla, e bem raros serão elles no momento que atravessamos, que respondam. Mas que, antes d'arriscarem resposta a questão tão complexa, não deixem de reflectir egualmente no factio significativo de corresponder á retrogradação indiscutivel da França o colossal desinvolvimento da Allemanha, a contar da mesma época. E note-se que nunca ninguem se lembraria de qualificar a intelligência franceza d'inferior, sob qualquer aspecto, á intelligência allemã; e que, se a apparição e a força crescentes dos partidos avançados forem invocadas, de per si só, como causas determinantes do abatimento relativo da França, não poderão invocar-se, com certeza, como circumstâncias propícias ao poderio crescente da Allemanha. As razões explicativas da differença, melhor dito, do contraste que os dous grandes povos nos offerecem não poderão achar-se pois nem n'uma dispari-

dade intellectual que não existe, nem na simples apparição de factores políticos que, pelas aspirações, número, e processos de propaganda e de lucta, não se distanciam consideravelmente n'um e noutro. A organização e intervenção activa politica de poderosos partidos democraticos não podem ser, de per si só, elemento social de perturbação e d'enfraquecimento aquém-Vosgos, de robustecimento e d'estabilidade além-Rheno. Se o seu temperamento, objectivo e programma são os mesmos afinal, é incompreensivel, com effeito, que fomentassem, independentemente d'outras causas, a ruina franceza e promovessem a prosperidade allemã. Deve necessariamente haver então factores diversos que, ao lado d'esses, nos permittam encontrar a chave do enigma; e não crêmos que possam ser outros senão os que os próprios escriptores e publicistas francezes, e alguns tambem estrangeiros, como se disse, por mais d'uma vez téem indicado.

Apezar d'aquelles symptomas de indisciplina e dissolução, pelo menos d'enfraquecimento nacional; apezar da pulverisação dos partidos, os da esquerda sobretudo, e da instabilidade governativa, assim como da opinião e do sentimento público, que essa dispersão ou entibiamento d'energias estão mostrando, terá o bello paiz latino mantido intacta a confiança no futuro, queremos dizer, a crença inabalavel de que ha de triumphar e prevalecer? A esta interrogação perturbadora sóo desfecho da lucta que se abriu ha poucas semanas⁽¹⁾, e principalmente as transformações consecutivas ao seu anciado e temido epflogo, poderão fornecer resposta decisiva. Por emquanto, só poderá haver presentimentos, só esperanças ou receios, só hypótheses mais ou menos inquinadas de preocupações sentimentaes. Quando muito, só previsões mais ou menos plausivelmente deduzidas do conhecimento da história humana, da natureza e da extensão dos recursos das nações em conflicto, dos pre-

(1) Isto escrevia-se em agosto de 1914.

cedentes immediatos do rompimento, e do próprio desenrolar das occorências, é possível formularem-se com alguns visos de não serem completamente desmentidos pelos factos. Excluimos, claro, as prophcias de sectários rebeldes á reflexão e á imparcialidade de juízo, e as sentenças cathegóricas do enxame de sábios que pontificam nos cafés e nos clubs, e que nem talvez conheçam, a não ser pelos magros informes dos jornaes, a situação geográfica dos paizes interessados na contenda.

Como quer que os acontecimentos venham a dispôr-se, infirmando ou confirmando vaticínios e previsões sobre a sorte reservada a cada um d'esses paizes, é tempo de fechar este parêntesis um tanto longo, mas que não será de todo inutil para a crítica desapaixorada da situação que o formidavel duello creou á Europa inteira.

Reatando, pois:

A guerra foi declarada á Prússia pela França a 19 de julho, e os créditos para ella entusiastamente votados pelo *Corpo legislativo*.

Mobilisação, concentração, plano de campanha, estavam preparados ha muito pelo Estado-maior prussiano. De maneira que a 31 d'esse mez, em menos portanto de quinze dias, tinha elle dispostos na fronteira 390:000 homens, constituindo tres exércitos: o 1.º de 50:000, o 2.º de 180:000, o 3.º de 160:000. O plano, cujo objectivo último era a tomada de Paris, consistia, resumidamente, em invadir ao mesmo tempo a Alsácia com estes 160:000 Allemães do Sul commandados pelo príncipe real da Prússia, Frederico Guilherme, e a Lorena com os 230:000 restantes, Prussianos e Allemães do Norte, sob o commando do príncipe Frederico Carlos; bater separadamente Mac-Mahon na primeira d'estas províncias da fronteira, e Bazaine na segunda; impedir a junção d'estes dous principaes exércitos inimigos, compostos dos melhores soldados que a França tinha podido alinhar contra o invasor; encurrallal-os, se fosse possível,

nas praças fortes de Strasburgo e de Metz; e, uma vez destruídas ou paralyzadas estas forças, desembaraçado pois o caminho das mais consideraveis, quasi únicas, resistências sérias que se oppunham á sua marcha, emprehender o cêrco e a rendição da capital. Pelo menos, é este o plano que, postas de lado suggestões quaesquer dos relatórios officiaes publicados ulteriormente, se deduz do exame e da crítica dos próprios acontecimentos militares.

O de Napoleão III parece ter sido egualmente o de tomar a offensiva com cêrca de 400:000 homens, denominado o «exército do Rheno»; e se este effectivo se tivesse mobilizado e concentrado a tempo e horas na fronteira, e conduzido habil e rapidamente contra os Allemães divididos, como dissemos atraz, em dous exércitos que não se poderiam de prompto soccorrer, outro seria provavelmente, não obstante a inferioridade material da artilheria franceza, o desfecho da campanha. Mas os regimentos não tinham os seus effectivos completos; os reservistas chamados a preencher-os gastavam dias após dias a dirigirem-se aos depósitos, e d'aqui aos regimentos aquartelados longe d'estes; faltavam, além d'isso, provisões e equipamento; a desordem administrativa e dos próprios serviços militares, emfim, era tal que nem os soldados sabiam, ás vezes, dos chefes, nem os chefes dos soldados. É typica a anedocta citada pelo historiador francez, de quem estamos extrahindo estas notas. Vai no original para não perder o sabor, nem tão pouco a auctoridade. Incumbido de se junctar á sua brigada, que devia estar em Belfort na occasião, o general Michel telegraphava ao ministério: «*Suis arrivé à Belfort, pas trouvé ma brigade, pas trouvé général de division; que dois je faire? Sais pas où sont mes régiments.*» E assim Napoleão, em logar d'aquelle número d'homens que suppunha concentrados para a invasão da Allemanha pelo Sul, encontrou apenas, ao chegar a Metz a 28, uns 120:000 dispersos n'uma frente de 70 léguas na Lorena e na Alsácia. Não é litteralmente exacta, se bem recordamos velhas leituras que não pudemos agora comprovar, esta informa-

ção do nosso auctor; porque nem a dispersão de que falla é compativel com as duas concentrações de Mac-Mahon em Froeschwiller e de Bazaine nas cercanias de Metz, nem o total d'estes dous exércitos está d'accôrdo com o pequeno effectivo mencionado. De resto, é elle próprio quem affirma, n'outra passagem do capítulo consagrado á guerra de 70, haverem-se reunido 250:000 homens em fins de julho, e não é para duvidar que todos, ou quasi, tivessem sido mandados para a fronteira. Ainda porém, que fosse este o effectivo mobilisado e concentrado, não seria facii, a não haver notaveis aptidões de commando, melhor organização e armamento, além de mais disciplina, realisar o primitivo plano d'invasão. E como esses requisitos faltavam, e até faltou, segundo bem faz observar o crítico anónimo da campanha russo-turca de 77, a comesinha providência d'impedir, ou sequer embaraçar a transposição do Rheno pelas forças allemães, houve que lhe substituir desde logo um plano meramente defensivo. Era, a um tempo, renunciar ás vantagens da investida impetuosa dos Francezes, e ficar dependente das inspirações da estratégia audaz do adversário.

Lembram-se bem os nossos compatriotas que orçam hoje pelos sessenta annos, da rapidez e perícia com que foi conduzida a guerra pelos «Prussianos», designação collectiva dos invasores usada correntemente em Portugal por essa época. A 4 d'agosto, o exército do príncipe real surprehendia a vanguarda de Mac-Mahon em Wissemburgo (a divisão Donay, d'uns 6:000 homens), e atacava, a 6, o grosso do exército (uns 45:000) em Froeschwiller. Repellido no começo sobre Woerth, conseguiu por seu turno, com a chegada de reforços e de mais artilheria, recalcar os Francezes sobre as suas primeiras posições n'aquelle burgo, apezar da famosa carga, em que succumbiram quasi todos, «dos couraceiros de Reichshoffen». Verificada a impossibilidade de se manter contra o fogo de canhões d'aço (os célebres Krupp) de carregar pela culatra, de maior alcance, de tiro mais rápido e certo do que os dos

canhões francezes que eram de bronze e de carregar pela bôcca, e tambem contra a alluvião dos assaltantes, apezar de novo sacrificio de quatro regimentos de couraceiros, Mac-Mahon viu-se forçado a retirar sobre Chalons atravez dos Vosgos, pelo collo de Saverne. Nem chegou a durar o dia inteiro—esta primeira batalha de vulto entre invasores e invadidos. Não falhou nos Francezes a sua histórica e justificada valentia; faltaram-lhes, ao menos para se aguentarem com firmeza nas suas posições, um effectivo e um armamento comparaveis aos de que dispunha o adversário. 16:000 baixas, cêrca de $\frac{1}{3}$ pois do effectivo, entre as quaes s'incluíam os seus melhores soldados d'África, mostram bem quanto a victória foi encarniçadamente disputada, e que foi apenas por essa dupla razão que o heroe da guerra d'Itália foi vencido.

Emquanto retrocede para Chalons, e aqui reorganisa as suas forças, constituindo novo exército (que recebeu o nome d'esse campo entrincheirado) com ellas e uns quatro corpos mais, no effectivo total de 120:000 homens,—os Allemães do Sul victoriosos, sem o inquietarem na retirada nem, tampouco, no trabalho reorganizador a que se allude, invadiam toda a Alsácia, estabeleciam desde logo o cêrco de Strasburgo, e tomavam diversas outras disposições destinadas a garantir-lhes a posse da provincia, de certo já na intenção de a annexarem.

Na Lorena, e no mesmo dia 6 d'agosto, a vanguarda do exército do príncipe Frederico Carlos atacava os Francezes em Forbach, que tiveram tambem de se retirar por carência de auxilio enviado por Bazaine, a quem a sua precária situação não podia ser desconhecida, contra os reforços espontaneamente expedidos pelos generaes prussianos aos seus compatriotas atacantes, que eram em número inferior ao dos Francezes.

Esta derrota inicial, que não foi prevenida, por culpa de Bazaine ao que parece, nem pôde tampouco ser remediada, completava infelizmente a de Froeschwiller, franqueando a Lorena á invasão, como esta abrira a Alsácia.

Para a remediar seria necessário um effectivo equivalente, ou pouco inferior em todo o caso, ao do exército inimigo, que já dissemos attingir 230:000 soldados; e o do francez não ia além de 150:000, se lá chegava. Foi este o motivo provavel porque Bazaine, das proximidades de Metz onde se mantivera até ahi, resolveu, a 14 d'agosto, retrogradar até Chalons. Sendo este campo entrincheirado, conforme tambem se disse atraz, o objectivo da retirada de Mac-Mahon depois do revez de Froeschwiller, a resolução era opportuna; e não seria talvez impossivel que modificasse um pouco o aspecto desfavoravel da situação creada pelos dous reconcontros infelizes, se não surgisse algum incidente a embarçal-a. Os exércitos dos dous marechaes, 180:000 homens mais ou menos, se reunidos n'um só e reforçados com os velhos soldados que vieram ajudar a constituir o de Chalons, estariam depressa em condiçöcs de atacar com éxito o do príncipe Frederico Carlos, ainda quando a investida de Metz, ou a simples necessidade de lhe vigiar a guarnição, lhe não absorvesse consideravel effectivo. Os Allemães de Frederico Guilherme estavam longe; não podiam nem impedir aquelle ataque, nem proteger os seus compatriotas derrotados, de quem aliás o exército vencedor facilmente os isolaria. Pelo menos, este afigura-se nos ser o plano suggerido naturalmente pelos desastres da fronteira, pelo itinerário divergente seguido pelas forças invasoras, e pelos objectivos immediatos que, após aquellas occurrencias, certamente se propunham ambas. Nada mais seria, em última analyse, do que o próprio plano do inimigo, com a única differença de ser realisado contra elle: atacar com effectivo superior o exército mais numeroso, o da Lorca n'essa hypóthese, impedir-lhe a junccão com o da Alsácia, e aniquilar este por seu turno. Seria o que Bazaine concebeu ao ordenar a retirada sobre o campo de Chalons?... Como quer que seja, o Mosella era transposto a 14, pela quasi totalidade do exército ás suas ordens, mas — lamentavel esquecimento! sem que as pontes atraz d'elle fossem immediatamente destruidas. O erro foi desde logo aprovei-

tado pelo general allemão da vanguarda que, sem esperar instrucções de Moltke (decerto, por lhe adivinhar a intenção), atacou com uma parte do 1.º exército (50:000 homens, como se disse) a rectaguarda dos Francezes, forçando assim Bazaine a dar meia volta e a empenhar a batalha de Borny, retardando por esta refrega intempestiva uma retirada que havia evidente vantagem, e devia ter pois o máximo empenho em acelerar o mais possivel. Foi-lhe fatal esta demora. Moltke, entrementes, fazia manobrar os seus Prussianos e Allemães do Norte, de maneira a interceptar a estrada de Verdun, para onde Bazaine se dirigia de passagem para Chalons. Foi com esse exército, a 16, que os Francezes vieram esbarrar-se em Gravelotte, e ahí travaram a «mais sanguinolenta batalha» da guerra, e ainda com elle, a 18, em Saint-Privat, quando retrocediam a 17, por não conséguiem desalojar de Gravelotte o inimigo, e para se abastecerem em Metz das munições que lhes faltavam. Ficou célebre a ladeira de Saint-Privat, onde a guarda prussiana, corpo escolhido entre os melhores, foi quasi toda exterminada pelos Francezes, cuja impetuosidade heroica acabaria talvez por triumphar, como talvez triumpharia em Gravelotte, se os não dizimasse o formidavel fogo dos 700 canhões que lhes lançavam em cima, da ala direita especialmente, espessas e continúas nuvens de metralha. São os próprios Allemães que lhes reconhecem, e não hesitaram então em admirar, a incomparavel valentia nas duas sangrentas batalhas de que esteve pendente por quatro dias o remate da lucta entre os dous povos. N'ambas perderam os Francezes cêrca de 29:000 homens, e de 36:000 os Alemães. Estes números mostram sem precisão do mais leve commentário, a fúria que animava um contra o outro os combatentes. Com razão ou sem ella Bazaine, espécie de bode expiatório de calamidades para que sem dúbida concorreu, mas cujas verdadeiras causas não seria justo attribuir-lhe, foi depois accusado em conselho de guerra de não ter enviado á importante fracção do seu exército que se batia em Saint-Privat nem instru-

ções nem reforços. Tivesse ou não fundamento a accusação, o positivo é que o melhor exército, pela qualidade e o número d'officiaes e de soldados, e a mais habil cabeça militar da França de 70 iam ser por muito tempo encurralados dentro dos muros da grande praça forte da Lorena, e que a marcha sobre Paris não offerencia d'ora em diante ao inimigo difficuldade alguma séria. Para o bloquear em Metz tornava-se preciso, é certo, ao invasor immobilisar um número equivalente de soldados; mas restavam-lhe ainda, para concluir o desbarato de Mac-Mahon e em seguida emprehender aquella marcha, alguns milhares d'homens do 2.º exército, e cêrca d'outros tantos do 3.º (Alleães do Sul) que regressavam da Alsácia sob as ordens do príncipe real, ficando o resto occupado no cêrco de Strasburgo, em guarnições e outros serviços.

Era intento de Mac-Mahon defender Paris com os 120:000 homens que podera reunir e reorganisar durante a espécie de trégua que os anteriores successos lhe outhorgaram; e era-o tambem de Napoleão, que viera ter com elle, deixando o quartel general de Bazaine antes de se ferirem as batalhas de Gravelotte e Saint-Privat. Receiando porém a imperatriz que a presença do exército provocasse uma revolução na capital, o novo ministro da guerra Palkao (tambem presidente do Conselho, pela demissão do gabinete Ollivier ao receber-se a noticia do duplo desastre da fronteira) propoz que Mac-Mahon se dirigisse para o Mosa em auxilio de Bazaine, que tambem lhe annunciava, quando s'estabelecera já em Reims na execução do plano do ministro, a sua próxima partida para o Norte. Mac-Mahon resolveu então ir-lhe ao encontro em Montmédy. Entretanto, o Estado-maior allemão, informado d'esta marcha pela inconfidência d'um jornal parisiense (affirma o historiador) ordenou interceptal-a pelo exército do Mosa, que de facto, a 30 d'agosto, atacou d'improviso os Francezes em Beaumont, compellindo-os a obliquar pelo caminho de Sedan, e fez manobrar as outras forças de maneira a encerral-os entre o Mosa e a fronteira belga, e a cor-

tar-lhes a única linha de retirada por Mézières, para Oeste.

Quasi ninguem ignora, ainda que só pela leitura da «*Débâcle*» de Zola, as occorrências trágicas sobrevividas n'essa espécie de buraco onde Napoleão e Bazaine se deixaram cahir com o que restava de livre e sólido entre os vencedores das campanhas d'Itália e da Crimeia. A 1 de setembro, de manhã, Prussianos e Allemães do Sul, sob o commando supremo de Moltke, atacaram por leste e sul um exército que os revezes soffridos, principalmente o de Beaumont dous dias antes apcnas, desanimavam e enfraqueceram, mal dirigido, mal armado, e além d'isso numericamente inferior, fazendo chover sobr'elle a metralha das alturas. Não obstante, foi ainda impetuoso o impulso inicial: a divisão de cavallaria ás ordens de Margueritte reeditou a bella façanha dos «couraceiros de Reichshoffen»; a infantaria ensaiou intrepidamente arremessar-se, em furiosas cargas de baioneta, contra o círculo de ferro que s'estreitava, a pouco e pouco, em torno d'ella. Esforço inutil! Mac-Mahon, ferido desde logo por um estilhaço de granada, teve de ceder o commando a Ducrot, que ordenou immediatamente a retirada á sua ala esquerda pela estrada de Mézières, a única limpa a essa hora d'inimigos. Mas Wimpfen, assumindo o commando em chefe, que o ministro da guerra lhe conferia, na hypóthese da morte ou ferimento grave de Mac-Mahon, n'uma carta apresentada por elle na occasião ao seu collega, mandou sustal-a, e proseguir na lucta, embora evidentemente insustentavel. Tentaram os Francezes, apezar de surprehendidos pela extranha contra-ordem, abrir á força caminho atravez das espessas columnas allemãs; mas foram por toda a parte repellidos, e pela tarde amontoados a esmo, como rebanho que a tormenta desvaira e accumula, n'esse funesto barranco de Sedan.

As alturas do poente, do lado de Mézières, vinham tambem de ser coroadas pelas forças inimigas; e cêrca de 700 bôccas de fogo assestadas em redor por todos os cabe-

ços das collinas, como anteriormente em Gravelotte, de continuo fulminavam as pobres vítimas da incompetência dos seus chefes militares, dos crimes, das corrupções e da incapacidade dos seus políticos. Napoleão, a quem, de resto, as carnificinas dos campos de batalha fundamente desgostavam, vendo a impossibilidade d'um arremêdo sequer d'offensiva, e a inutilidade d'uma resistência qualquer em face do poder do adversário, sentindo-se além d'isso detestado pelas tropas, mandou içar a bandeira branca sobre os muros da velha praça fronteiriça. Á noite foi Wimpfen ao quartel-general allemão parlamentar, propondo a Moltke a rendição do exército e da praça com as honras de guerra. Mas o inimigo, inexoravel, contrapunha: capitulação sem condições. E como Wimpfen insistisse, Moltke, segundo narra o historiador francez: «Já não tendes viveres, nem munições, é vã toda a resistência; se não conclus depressa, esmagar-vos-nemos amanha». Houve pois que passar pelas forças caudinas, e talvez que recordar n'esse momento a lendária exclamação do antepassado. Á excepção d'uns 3:000 homens, que tiveram tempo de procurar na Bélgica refúgio, e dos, não nos lembra quantos, da ala esquerda a quem a ordem de retirada de Ducrot permittiu retrocederem de manhã por Mézières, todos ficaram prisioneiros, todos foram desarmados e internados na Allemanha.

Desenrolava-se este drama pungente a 2. No dia seguinte, o próprio Napoleão o annunciava para Paris. A 4, reúnia-se o Corpo legislativo, abrindo-se caloroso debate sobre o que fazer na conjuntura trágica. A multidão porém interrompeu a deliberação iniciada invadindo a sala das sessões, depondo Napoleão e proclamando a República. Acto continuo, organisou-se um Governo provisório, intitulado da *Defeza nacional* constituído pelos deputados por Paris sob a presidência de Trochu, seu governador militar, com uma *delegação* de tres dos seus membros em Tours, presidida desde os princípios d'outubro em deante por Gambetta, que sahiu de Paris, já então cercado,

expressamente no intuito de promover o levantamento em massa contra o invasor, á imitação de 93.

Os esforços e recontros militares francezes, a contar d'aquella data lúgubre, são mais um estrebuchar d'agonia do que propriamente uma campanha. Exceptuado um corpo de pequeno effectivo, não havia tropas algumas regulares que se oppozessem ao alastramento da invasão e ao investimento de Paris ; e aqui mesmo só havia tambem, para uma resistência efficaz e duradoura, dous regimentos de tropas regulares e 14:000 homens de marinha, além dos 15 fortes de cintura. O exército de Metz, numeroso e formado por velhos soldados como vimos, poderia ser ainda uma esperança, embora ténue, quando se tenha em vista as grandes forças que os Allemães haviam distrahido para os cêrcos de Strasburgo e d'aquella praça, e a distrahir para o de Paris e de Belfort, e para corpos d'observação, guarnições e serviço das *étapes*, se Bazaine se obstinasse em romper o cordão dos sitiantes, ou pelo menos impedir os trabalhos d'entrincheiramento em que se occupavam activamente. Mas, em vez d'olhar apenas ao seu dever de general, embrenhou-se n'um dédalo d'intrigas juncto do rei da Prússia e da imperatriz Eugénia, refugiada então em Londres, provavelmente estimulado pela perspectiva illusória de que a paz não tardaria a celebrar-se, e pela sôffrega ambição de vir a ser elle o árbitro dos destinos do paiz. O astuto Bismarck, é óbvio, entretinha com a sua proverbial habilidade as illusões do seródio corteção d'um império já fallido, e que, ao menos n'essa hora triste, a França inteira abominava. De maneira que o resultado único d'este jogo diplomático entre um authenticó Machiavelli e um M. Prud'homme empennachado foi o exército consumir, primeiro, os mantimentos destinados á guarnição, depois enervar-se e adoecer na lama sob a chuva e as intempéries, e ter por fim, como em Sedan, de capitular sem condições. Por pouco mais de dous mezes, de 18 d'agosto a 27 d'outubro, poderam resistir a grande praça e os 170:000 homens, mais ou menos, que depuzeram as armas neste dia.

Em Paris, sobre cujos outeiros de Meudon e Chatillon, nos arrabaldes, apparecia a vanguarda allemã a 17 de setembro, e d'onde Julio Favre inutilmente sahira, em 19, a negociar uma trégua com Bismarck a Ferrières, a defeza organizada por Trochu é evidente que tinha mais como intuito «salvar a honra», conforme elle mesmo s'expressava, do que repellir, ou intimidar sequer os sitiantes. Entre batalhões de «moveis» e de guardas nacionaes chegou a pôr em armas um meio milhão d'hómens, que foram empregados quasi só em pequenos combates d'avanças, sem método nem plano definido, e menos ainda audacioso. Os entrincheiramentos e os fortes eram, sem dúvida, excellentes pontos d'apoio para sortidas efficazes, e para operações importantes de conjuncto. Mas nem depunha confiança n'esses improvisados combatentes, a quem, se não fallecia a bravura, faltavam a instrucção e a experiencia, nem as províncias podiam cooperar n'um plano commum, defensivo ou offensivo, com um exército regular, nem parece ter sido, elle próprio, dotado pela natureza da capacidade e da energia que se reclamava na occasião. Militarmente, a sua obra foi pouco menos d'esteril, e foi politicamente uma imprudência; em vez de crear defensores para a sua pátria, preparou simplesmente os insurrectos da Communa. A única tentativa séria de romper pelo Sul, transpondo o Marne, as linhas allemãs em princípios de dezembro não deu outro resultado que não fosse a destruição das equipagens destinadas ao lançamento das pontes, e a perda d'uns 10:000 homens nos successivos recontros de Villiers e Champigny. Razão assistia de facto a Trochu em não depôr confiança em combatentes paizanos, fosse qual fosse a sua intrepidez, ainda quando os conduzissem officiaes experimentados, e não os havia, e dispozessem de material e d'armamento superiores de que se carecia tambem. Por medíocres que se queira suppor os seus dotes de commando, era-lhe impossivel ignorar a regra, a que alludiamos no nosso anterior opúsculo sobre a guerra, de que «cidade cercada é cidade tomada», se não surge de fóra a libertal-a uma força regular sufficiente.

Verificada por Thiers, pelo «traidor e prussiano» Thiers, que partira para a sua ingrata e patriótica missão a 12 de setembro, o firme propósito das Potências em não prestar socorro á França, goradas as suas negociações para um armistício pela recusa de Bismarck em consentir no reabastecimento de Paris, restava aos parisienses esperar pelo que faria a delegação em Tours do Governo da Defeza nacional, ou melhor, o seu audaz e infatigavel presidente, que chamara sobre si a direcção das pastas da guerra e do interior. A intelligência, a energia, a fé de Gambetta, n'uma das mais desesperadas conjuncturas com que um homem d'Estado se tenha visto compellido a deffrontar, excederam a expectativa dos Francezes, e impozeram-se mesmo á surpresa e admiração dos Allemães.

No meio de tantos erros, de tanta incapacidade, de tanto egoismo ou cobardia de officiaes e politicantes do império, consola verificar quanto pode conseguir a eloquência d'um tribuno posta ao serviço d'um largo e nobre pensamento. Se o patriotismo e a honra militar da França não se afundaram de todo no deprimente naufrágio que o império e os seus próprios defeitos vinham de longe preparando, foi sobretudo porque o grande coração d'esse Francez soube a tempo evitar-lhe a ignomínia.

Dissemos que o eminente orador republicano partira de Paris em balão no principio do mez d'outubro, quando, pois, os Allemães tinham já fechado o cerco. Era crítica o mais possivel a situação, interna e exterior, da República proclamada a 4 de Setembro. No ponto de vista militar, poderíamos approximadamente summarial-a como segue: Mac-Mahon e o seu exército aprisionados em Sedan; Bazaine e os seus 170:000 homens, encurralados em Metz, sem a menor probabilidade de sahirem; Strasburgo e a sua valente guarnição, sob o commando de Uhrich, cahidas em poder dos Allemães do Sul, a 28 de setembro; Belfort, governado pelo coronel Denfert-Rochereau, que se manteve heroicamente até ao fim da guerra, em vespéras de ser cercado tambem por um corpo d'Allemães desta-

cado dos que invadiram a Alsácia; Paris, já bloqueado pelos dous exércitos, do príncipe real e do príncipe de Saxe, victoriosos em Sedan, e defendido quasi exclusivamente por soldados da última hora, sem instrucção, com mau armamento e sem commando. E no ponto de vista político, poderemos resumil-o d'este modo: os gabinetes da Europa, d'ouvidos imprevidente e egoistamente cerrados ás solicitações e ás súplicas d'esse commovente missionário orleanista, d'alma juvenil e cabellos brancos, chegando uma vez a adormecer de fadiga a meio d'uma das conferências da sua via dolorosa; a sorte do Governo de Paris, nas mãos dos elementos revolucionários, dos blanquistas sobretudo, verdadeira guarda avançada da Communa, como a 31 do mesmo mez d'outubro se pôde presentir com clareza na tentativa frustrada para o depôr, e o substituir por outro de feição radicalista; a burguezia das cidades, sempre utilitária e medrosa por educação e temperamento, sobresaltada e retrahida, pouco disposta porisso a arriscar o seu socêgo, a sua vida e o seu dinheiro; os proprietários rústicos, os «rurales» na denominação desdenhosa que se deu mais tarde aos seus representantes na assembleia de Bordeus, igualmente amedrontados com o alastramento da invasão e a perspectiva d'uma revolução parisiense; o povo, o operariado fabril dos grandes centros, prompto e entusiasmado para a lucta, como sempre, mas terrivelmente desorientado pela propaganda dos seus prégadores socialistas e anarchistas, e perigosamente inspirado no momento por *meneurs* nacionaes sem senso commum, e por uma legião d'aventureiros, de *noceurs* pela maior parte, de todas as procedências e matizes. Outro homem, que não tivesse a envergadura do grande orador republicano, recuaría em frente de tantas e tão escabrosas difficuldades a vencer; porque a verdade é que só a intervenção d'um poder miraculoso poderia, a um tempo, conjurar o perigo estrangeiro, e prevenir uma formidavel revolução no interior. Claro, pois, que Gambetta não realisou nenhum d'esses milagres; mas pôde

ao menos, e tal era o seu objectivo immediato e prevalecente, suavisar e honrar, como acima dissemos, aos olhos do mundo e da França uma derrota inevitavel.

Trabalhando em condições muito menos favoraveis, porque tinha de convencer e de vencer, a reluctância das províncias, partidárias na quasi totalidade do que se chamou a «paz a todo o preço», e não dispunha de pessoal e material de guerra a contrapôr com êxito aos Allemães em egualdade d'effectivos, se não lhe era possivel, por essas razões, «organisar a victória» do seu paíz como o Carnot de 93, conseguiu contudo fazer pagar caro ao inimigo a sua «ruína e desmembramento». «Guerra à *outrance*»: tal era o brado corojoso que oppunha, por toda a parte, áquelle grito da pusillanimidade assustadiça. De paizanagem rústica, d'hábitos sedentários e pacíficos, soube a sua actividade prodigiosa fazer soldados, bisonhos, mal armados e equipados muito embora; e a sua perspicácia aguda, descobrir qualidades de commando e direcção em civis e officiaes desconhecidos, ou que o império tinha desprezado.

Dos quatro exércitos que successivamente organisou, o primeiro, o do Loire, sob o commando d'Aurelle de Paladines, um d'esses desdenhados pela camarilha do império, estava já reunido e prompto um mez depois que descera em Tours do seu balão. 230:000 soldados de linha e 300:000 guardas nacionaes, «mobilisados e moveis», com 1:400 canhões, representavam as lisongeiras primicias do seu esforço gigantesco. Eliminados os noviços, cujo valor para a offensiva não seria muito para temer, ainda restavam os 230:000 homens, com maior ou menor tirocínio de fileira, para tentar o desbloqueio de Paris. Era esta, sem contestação, uma empreza mais que a venturosa contra um adversário victorioso, superiormente adextrado e conduzido, ao tempo já senhor da França até ao Loire, tendo em Reims a séde do seu governo do território conquistado, e por todo elle instalados a sua administração e funcionalismo. Era, no emtanto, empreza susceptivel d'incommodar sériamente os sitiantes se houvesse meio d'enquadrar esses com-

batentes instruídos, não obstante o seu armamento inferior, n'um corpo d'officiaes correspondente ao effectivo congregado.

Mas estava aqui, exactamente, a maior e a menos reparavel lacuna das reservas defensivas do paiz; e sem um quadro completo de bons officiaes não ha exército capaz, embora numericamente superior, de fazer frente a um inimigo comparavel ao que, dentro de pouco mais de seis semanas, quasi reduzira a França á impotência.

Foi bem succedida no começo a investida d'esse primeiro exército do Loire; imprimiram-lhe mesmo particular relêvo e brilho a capacidade serena do chefe e a bravura impetuosa dos soldados. Os Allemães, atacados violentamente, soffreram uma grave derrota em Coulmiers a 9 de novembro, e foram ainda batidos n'outras acções de menos vulto que se travaram n'essa zona, resultando d'estes cheques successivos a evacuação d'Orléans, onde se haviam installado pouco antes. Quiz o general francez manter n'um campo entrincheirado o seu exército victorioso, ou fosse para cobrir o território aquém do rio, ou fosse, segundo parece mais verosimil, para o disciplinar, treinar, e robustecer com a adjunção de novas unidades. Era o conselho da prudência, e do tirocinio e saber da profissão. Mas aqui a impaciência do politico veio intempestivamente destruir a previsão do militar. O exército foi reforçado até 250:000 homens, o que era bom; Gambetta porém impoz-lhe a marcha immedita para a frente, ao encontro do que Trochu fizesse sahir da capital, o que era mau. Nem a sortida, a que fizemos atraz referência, pôde illudir a vigilância e desfazer a opposição dos sitiantes, nem Paladines percorreu metade sequer da larga distância que se lhe interpunha até Paris. Os Allemães, em número inferior ao dos Francezes, embora tivessem sido reforçados com algumas tropas que a rendição de Metz tornara disponiveis, contiveram-lhes o avanço, a 24 de novembro, em Beaune-la-Rolande, forçaram-n'os a retroceder de novo em Loigny a 2 de dezembro, e com a recu-

peração d'Orléans, consecutiva a este combate, levaram a *delegação* de Tours a transferir-se para Bordeus. Esta série d'infortúnios extinguiu qualquer esperança não só de valer á capital, mas d'incutir fé e coragem em novas levas a conduzir contra o invasor.

Com effeito, o segundo exército do Loire, d'esta vez commandado por Chanzy, cuja pouca idade relativa parece que se julgou opportuno dever contrapôr á velhice do seu predecessor, nada mais foi que uma hecatombe, como as que os Gregos destinavam ao sacrificio. Mal armado e alimentado, sem agasalhos, sem confortos, sem abrigo no coração d'um inverno que todos os rapazes do nosso tempo de collegial se lembram perfeitamente de ter sido em extremo rigoroso, ainda tentou resistir, de 7 a 10 d'igual mez, aos Allemães que se adeantavam para Oeste. As intempéries, mais talvez que os Allemães, obrigaram n'os a ceder gradualmente o campo até Vendôme, e depois até ao Mans, onde, apesar d'esse duplo e cruel inimigo, isto é, d'um terreno resvaladiço com a neve ou lamacento pelo degêlo e de perseguidores experientes e confortavelmente protegidos, praticaram a quasi incrível proeza de se manter por sete dias. Mas a 12 de janeiro, com a dispersão de mais alguns batalhões de «mobilizados» que um corpo allemão surprehendeu, houve que abandonar enfim as margens do rio, e retirar em desordem para a Bretanha.

Poucos dias antes, a 3, conseguira o «exército do Norte», sob a chefia d'outro general competente, Faidherbe, que Gambetta tivera tambem a perspicácia de descobrir, e por elle organizado ainda no mesmo intuito de o fazer marchar sobre Paris, expulsar de Bapaume os Allemães, e occupar em seguida Saint-Quentin (uma das *étapes* da recente invasão pela fronteira franco-belga). Mas, além de pouco numeroso (35:000 homens), deparam-se-nos, ao lh'estudarmos de perto a composição e os recursos, os vícios já indicados a propósito dos dous exércitos do Loire: falta de quadros, insufficiência d'instrucção, inferioridade d'armamento, penúria d'equipamento appro-

priado para a campanha e a estação, vícios que a natural bravura dos homens e a reconhecida capacidade do chefe não podiam emendar. É isto, pelo menos, o que devemos colligir da promptidão com que o inimigo reforçado, mas numericamente inferior, recuperou Saint-Quentin, o repelliu e o dispersou.

Não teve melhor destino o «exército de Leste», de 100:000 homens, commandado por Bourbaki, o quarto que a iniciativa de Gambetta improvisava, e que foi especialmente destinado ao desbloqueio de Belfort, e a interromper as communicações dos Allemães. Concentrado atraz do Loire, em Bourges, obteve egualmente algumas vantagens iniciaes, transpondo sem obstáculo o rio, e levando deante de si os Allemães, cujos effectivos eram demasiado pequenos para lh'impedirem o avanço, desde Dijon até Montbéliard, a curta distância de Belfort. Para se formar porém, juízo do estado moral da espécie de turba-multa a quem se commettia missão tão delicada e complexa, e que de tudo carecia para se desempenhar d'ella airosamente, digamos só que 15:000 soldados inimigos, alinhados para além d'um riacho em Héricourt, cêrca d'uns 10 kilômetros apenas da praça forte a libertar, bastaram a conter por tres dias a desordenada investida de 30:000 Francezes, e a obrigar-os a retroceder para Besançon. Succedia este singular episódio por meados de janeiro. Entrementes, o Estado-maior allemão destacava algumas tropas do cordão sitiante de Paris, fazia-as rapidamente contornar Dijon, transpôr o Saone e o baixo Doubs (seu affluente da esquerda), e occupar os desfiladeiros do Jura, cortando-lhes d'este modo a retirada para o Sul e para Oeste. Descalço, tiritando sob e sobre a neve, faminto, exausto, abandonado á matroca, como navio a que o temporal levou a gente e destruiu o aparelho, por officiaes que um regimen dissoluto convertera em commodistas ignaros, e todavia resignado e paciente, o pobre exército de galuchos aldeãos dirigiu-se como pôde para Pontarlier, na fronteira da Suissa.

Eram só uns 80:000, que as milícias da República desarmaram depressa, e as suas populações hospitaleiras acolheram com bondade.

Com as derrotas successivas, todas n'esse mez fatídico de janeiro de 71, dos exércitos do Loire (o segundo) sobre o Mans, do Norte em Saint-Quentin, e de Leste em Héricourt, a esperança de socorrer Paris cercado, ou de causar qualquer prejuízo sério ao inimigo teve de ser definitivamente abandonada. Não excederam a 230:000 os Alle-mães que emprehenderam a operação de o reduzir, nem se gastaram menos de tres mezes a construir trincheiras, barricadar as aldeias suburbanas, installar a artilheria grossa nas alturas. A 15 de dezembro, e antes mesmo que o bombardeamento começasse, já a população parisiense estava á dieta de 500 gr. de pão negro (com mistura de centeio e de cevada) e 30 gr. de carne de cavallo, por habitante e por dia. Commetterá-se o erro enorme de não mandar sahir as boccas inuteis, ao menos as mulheres e as creanças, e de não abastecer abundantemente a capital, cujos víveres não davam para mais de quatro mezes.

Com o bombardeamento, que principiou a 27, e frustadas as tentativas dos exércitos do Norte e do Loire, a situação dos habitantes depressa se patenteou insustentavel; e com o desastre de Bourbaki, tornou-se tambem claro desde logo que a sua rendição não podia retardar por muito tempo. De facto, a 18. no dia preciso em que o exército de Leste recuava em Héricourt, e não podia ser já duvidoso o seu internamento na Suíssa, reúniam-se em Versailles, com ceremonial imponente, os reis e os príncipes dos diversos Estados allemães, offerecendo a corôa e o título «d'imperador allemão» ao rei Guilherme, e Bismarck lia uma proclamação aos povos da Germânia annunciando-lhes a creação do novo império. A 23, era expedido, com effeito, Julio Favre como parlamentarío á côrte do recente imperador, e a 28 era assignado um armistício de tres semanas, para s'eleger uma Assembléa nacional como

única auctoridade a quem o cuidado das negociações da paz podia ser deferido.

São múltiplas, e todas ellas preciosas, as conclusões a tirar do breve resumo da guerra de 70 que acabamos de fazer. Para não alongarmos em excesso este trabalho mencionaremos só algumas.

A primeira vem a ser a impossibilidade, nos tempos que vão correndo, de levantamentos nacionaes em massa na hypóthese d'um perigo militar exterior, ou pelo menos a inefficácia absoluta d'este processo de defeza nacional contra um inimigo bem armado e superiormente dirigido. Os «mobilisados e os moveis» de Gambetta, os franco-atiradores, os voluntários de Garibaldi, suppondo mesmo que os apoiava um propósito guerreiro da totalidade da nação, nada fizeram, e nada podiam fazer, contra as forças regulares que os combatiam, e que desde o princípio da campanha, de resto, consideraram todos os guerrilheiros avulsos como simples rebeldes, a reprimir e a fusilar. O enthusiasmo jamais valeu a disciplina, e a mais impetuosa bravura jamais remediou a inconsistência das tropas, nem supriu a falta de commando.

A outra é a inferioridade, n'uma lucta com exércitos preparados d'antemão, de organismos militares coordenados á última hora e á pressa, e até de qualquer organização miliciana ainda mesmo que a instrucção dos homens seja ministrada com mais tempo e mais cuidado do que é uso consagrar-lhe; porque a unidade e a cohesão fortes d'uma massa combatente nunca serão o armamento aperfeiçoado nem a officialidade instruída, apenas, que as podem conferir, mas a confiança recíproca d'officiaes e de soldados, resultante da vida e dos exercícios em commum, por consequente da permanência relativamente longa na fileira. Os 230:000 soldados de linha com que se improvisou o primeiro exército do Loire (prescindindo já dos «mobilisados e dos moveis») evidentemente não eram simples paizanos armados, carentes em absoluto d'instrucção e

d'um corpo d'officiaes de maior ou menor capacidade. Com certeza, tinham da profissão das armas muito mais conhecimento e tirocínio do que tem qualquer miliciano, e sem dúvida alguma, do que tem o miliciano portuguez. Mas, abstrahindo das lacunas accidentaes de que fallamos, careciam do que é essencial para vencer: careciam d'aquella confiança e sympathia mútuas, que só o convívio desinvolve e só o tempo é capaz de radicar. Imagine-se então que valor podiam ter os «mobilisados e os moveis», preparados unicamente com algumas lições de tiro e uns rudimentos de manobras, constituindo um verdadeiro exército miliciano, e certamente dos mais fracos. Quando porém o queiramos suppôr mais adextraído, podíamos estar préviamente seguros de que seria da mesma maneira batido por um exército regular, conforme nas grandes nações guerreiras sempre foi intendido e se prepara, com metade, ou dous terços quando muito, do effectivo. Se, para se obter um artífice toleravel é necessário «dar tempo ao officio», na expressão usual do nosso povo,—como seria possível dispensal-o para se conseguir fazer d'um bisonho e desageitado recruta um bom soldado?

A terceira, de todas a mais preciosa, vem a ser a acção dissolvente e funesta da politiquice, quer dizer, do espirito de facção, no valor e na disciplina d'um exército. A intervenção perturbadora d'essa praga por mais do que um terrivel desastre se regista na história militar de quasi todos os povos europeus. Exército em que tal flagello se insinue, e sobretudo se converta n'um hábito, significa exteriormente a perspectiva da derrota, internamente um perigo e uma ameaça para o Estado e os cidadãos. Em tempo de paz, o problema da sua organização, armamento, instrucção, etc., é essencialmente político, é certo; mas deve ser tambem resolvido inteiramente fóra e acima dos interesses de grupo, longe, o mais longe possível, das obcecadas e corruptoras paixões de partidários. Político é do mesmo modo o problema da opportunidade d'uma guerra, da preparação antecipada de todos os meios e recursos

susceptíveis d'influir sobre o desfecho, e é-o até certo ponto o do plano geral a imprimir ás operações ; mas, uma vez declarada e dispostas todas estas condições preliminares da victória, a sua direcção cabe exclusivamente a militares. A ingerência n'ella do político, como a do militar no que é esphera reservada ao estadista, só por acaso deixará de ser inoffensiva, e de levar porisso a resultados desastrosos. Na multiplicidade de funcções, sem prejuízo da unidade de pensamento, que caracteriza a verdadeira obra d'um Governo, esta autonomia e divisão de trabalhos são uma necessidade elementar, em épocas de crise sobretudo.

Importa não esquecer a este propósito que a accumulção n'um homem público de talentos políticos e de talentos militares é muito rara; e que portanto o melhor, para se prevenir erros como os que assignalam essa guerra de 70, será não sahir cada um, nem o militar nem o político, para fóra do terreno em que tem auctoridade — quando a tem, isto é, quando a provou. O exército é hoje, com os progressos enormes da Técnica e o serviço universal obrigatório, uma máchima complicada e extremamente delicada, construída só em vista da defeza ou da aggressão contra o inimigo exterior (e accidentalmente de garantir a ordem social), que de forma alguma convem — aos cidadãos e ao Estado, repetimos — deixar cahir nas mãos d'incompetentes, e muito menos tornar-se o instrumento perigoso, qualquer que seja a razão invocada, de cooperativas ou de seitas com o nome de partidos.

É lamentavel que a imperfeição das instituições políticas, e mais ainda talvez a falta d'educação cívica das populações o tenham forçado a intervir na vida pública interna, particularmente em conflictos d'opinião intransigentes, que, por isto, só a força tem podido até agora resolver; porque nunca foi, nem será esse jamais o papel que a nação lhe confiou. Muito mais é para lastimar que elle se torne uma arena onde as paixões e os interesses mesquinhos de grupo, a imprevidência e a incapacidade dos poli-

ticos, se repercutam e agravem, quando não deflagram mesmo em lucta aberta. Indispensavel impedir que essas infracções arriscadissimas, e até materialmente prejudiciaes e custosas, se convertam n'um costume, acabando por lhe destruir a unidade moral de que dependem o seu valor e a sua aura.

O official e o soldado devem-se exclusivamente ao seu paíz; nada téem que vêr com as rivalidades e os dissentimentos dos partidos, quaesquer que possam ser as suas opiniões ou preferências pessoaes. Emquanto permanecem no seu posto, em actividade de serviço, não são, não devem ser partidários; não devem, não podem legitimamente sustentar este grupo contra aquelle.

O exército não é uma corporação deliberante, não é uma assembleia nem um club. Se uma questão de direito público se levanta — e são estas as únicas questões politicas em que a sua interferência se concebe — não é a elle, pelo menos a elle só, que cabe resolvel-a. O exército é fundamentalmente a força collectiva organizada contra qualquer tentativa de destruição ou perturbação social violenta, venha de fóra ou de dentro, por consequência uma corporação executiva, obediente á única auctoridade a quem a lei tenha designado essa funcção. Se a Constituição d'um paíz não previu certas hypótheses, se os partidos não s'intendem sobre algum ponto que se lhes affigura d'importância, que remediem como puderem a lacuna, que assentem official ou officiosamente, mas em paz, no caminho que lhes parece melhor para dirimir o ponto sobre que versa a discordância; o exército é que precisa de se manter alheio a discussões d'esse character, para velar apenas por que os erros ou os caprichos d'insignificantes minorias não venham comprometter a segurança, nem sequer o socêgo geral dos cidadãos. Dentro do mesmo regimen representativo, e é sob elle que hoje se vive na Europa, todas as questões politicas que surjam podem ser resolvidas, *quando se queira*, por compromissos mútuos razoaveis, ou, na peor hypóthese, pela lucta eleitoral. Se não são resolvidas

por algum d'estes processos, é porque houve alguém que o não quiz; e n'este caso soffra esse alguém as consequências da sua intransigência ou incapacidade irreductiveis, e não arraste a força pública para um terreno onde não ha logar para ella. A única opinião militar admissivel, que mesmo importa conhecer e apreciar com antecedência, e com a attenção que todo o voto auctorizado merece, é a que se refere á possibilidade e á oportunidade d'um rompimento de relações com o estrangeiro; e para saber esse voto auctorizado e colectivo basta ao estadista consultar o Estado-maior, que é, para todas as questões da profissão, o corpo legal deliberante do exército. Nas questões politicas d'outra natureza, nas internas sobretudo, a sua índole não lhe consente emitir voto, sejam quaes forem as preferências individuaes de chefes e de soldados, e muito menos impôl-o, em nome d'um grupo, a outro grupo. E não se allegue que a sua intervenção é desculpavel quando um certo poder do Estado, dentro do *mesmo* regimen, foi constituído illegalmente; porque — insistamos — as questões de legalidade constitucional, além de susceptiveis de dúvidas e ligadas intimamente a interesses de facção, não é elle a entidade com exclusivo direito a resolvel-as, e por isso raro será, que, a intervir n'ellas, não tenha de lutar contra si próprio, convertendo-se d'esta maneira, de principal garantia d'ordem social, no mais perigoso instrumento d'anarchia. A usurpação de funcções de auctoridade está prevista nas leis de cada paíz; que dentro pois dá engrenagem das instituições em vigência, sem appêlo á praça pública, se chame os responsaveis por ella á auctoría, e restabeleçam a normalidade do systema os que não souberam, ou não quizeram, preserval-a quando havia tempo de sobra para o fazer.

A qualquer exército d'um paíz civilizado, até mesmo quando se tracta de mudança de regimen, repugna, em regra, intervir activa e collectivamente nas dissensões politicas internas: não ha conspirador que não conheça, por experiência pessoal repetida, esta repulsa. Não ha tambem

paíz algum civilisado em que se não prohiba expressamente a militares a menor manifestação collectiva, e individual em vários d'elles, a favor ou contra os partidos e tal ou tal systema de governo. Repare-se em que não é a liberdade de opinião politica que se pretende, com essas disposições da lei, suffocar; pretende-se apenas impedir que o exército se transforme n'um acervo de partidos, os quartéis em clubs de facção, officiaes e soldados em satélites d'este ou d'aquelle cabecilha.

E a comprehensão, lúcida ou instinctiva, do inestimavel valor da disciplina para a confiança que o exército deve merecer á nação como garantia superior da sua integridade e da sua tranquillidade, que explica essa repulsa do militar por todas as manifestações tumultuárias, e esse cuidado meticoloso da lei em o preservar do contágio dissolvente das disputas dos partidos. É essa mesma exigência visceral d'unidade e disciplina que levou sempre as nações, desde a antiga Roma até hoje, a entregar a sua direcção ao poder executivo, subtrahindo-o d'este modo á ingerência, pelo menos directa, das assembleias deliberantes, divididas naturalmente em grupos e correntes d'opinião que se hostilizam. A própria Convenção franceza, apesar do seu intolerante ciúme de soberania, indivisa e absoluta, só por intermédio do *Comité de salut public*, que era um corpo executivo, exercia sobr'elle alguma auctoridade.

Dir-se-ha que se corre, n'este caso, o risco de o tornar instrumento de dictadura. Talvez. Mas antes a dictadura do sabre, que constrange apenas os corpos, do que a tyrannia do sectário, que pretênde opprimir as consciências; antes a franqueza brutal, que garante a ordem pela força, do que a unctuosa hypocrisia, que semeia a desordem sob fórmulas legaes; antes a unidade moral do exército á custa mesmo da integridade formalista da lei, do que a sua dissolução sob pretexto de a restaurar, na realidade com o intuito de manter o predomínio de clientelas ou de seitas. Porque, no primeiro caso, o exército não está perdido para

as suas funcções essenciaes,—a de se impôr ao estrangeiro e a de garantir a paz interna; e está-o irremissivelmente quando se deixa contaminar pelas paixões d'energúmenos e pelas intrigas d'ambiciosos. Além d'isso, apoiar uma dictadura não é o mesmo que exercel-a; a espada pode muito bem sustentar uma situação governativa d'excepção desde que uma grande necessidade pública a aconselha, e a massa dos cidadãos confia n'ella, sem que tambem aspire a governar. O seu papel na politica restringe-se então unicamente a vedar o exercicio do poder a facções reconhecidamente incapazes de governar com intelligência e exempção, a defender-se, e conjuntamente a maioria dos governados, da anarchia que essas facções véem fomentando, e ás vezes a restabelecer exactamente a observância das leis, que o espirito faccioso sophisma e deturpa de mil modos. E ainda suppondo que intervem directamente n'aquelle exercicio de poder, comtanto que mantenha perfeita unidade de pensamento e de propósito, é preferivel obedecer a homens para quem a pátria, a lei e a ordem não são, *não devem* ser apenas vãs palavras, e que receberam, em geral, uma educação positiva e variada, do que a profissionaes da ignorância e da rhetórica, insusceptiveis jamais de raciocinar com acerto, e d'outra disciplina que não seja a do grupo a que enfeudaram a sua liberdade de pensar e proceder. O perigo, na hypóthese, não está em governar o homem d'espada, está só em que o exército se transforme n'um partido; e é esse, no emtanto, um perigo menor do que a sua desobediência ao único poder a que está subordinado. Se um exército não só lhe desobedece, mas se revolta contra essa auctoridade, inutil contar com elle para qualquer plano de governo, de importância interior ou exterior. Se a disciplina social morreu, assim, na classe que é a principal depositária d'essa preciosa virtude collectiva, só ha a esperar então pela derrota n'um conflicto eventual com o estrangeiro, e pela dissolução em prazo breve do próprio corpo social.

Foi esta — dizíamos — a terceira grande lição a tirar da guerra de 1870. «A ruína e o desmembramento» da França, na phrase dos políticos da época, não derivaram só, nem sequer principalmente, da circunstância de a força pública apoiar Napoleão. O império não se mantinha só apoiado no exército, mas na grande massa da burguezia das cidades e dos campos, e em partidos legalmente organizados. Algum prestígio que conseguiu conquistar, sobretudo no exterior, deve-o mesmo ás victórias d'esse exército e ás iniciativas audazes d'alguns representantes d'essa burguezia laboriosa e intelligente, Lesseps por ex. «A ruína e o desmembramento» da França em 1870 foram principalmente obra da própria França, dos defeitos e também d'algumas qualidades do Francez; foram obra muito especialmente das suas preocupações cosmopolitas, da sua tendência a sacrificar a innovações racionalistas as suas tradições e a sua cohesão nacional; foram obra, em summa, da sua indisciplina latente n'aquellas qualidades e defeitos, aggravada pela insensatez e as rivalidades insoffridas dos partidos, e que tinha pois fatalmente de se propagar até ao exército logo que os ócios da paz lhe permittissem occupar-se mais da intriga de politicanses do que de assumptos militares, e da segurança e glória do país. A corrupção, as paixões, os interesses minúsculos, quando não mesmo inconfessaveis, dos políticos alastraram-se das regiões do alto até ás camadas mais humildes; as tendências subversivas de baixo, por seu turno, resfolgaram, envolvendo na mesma condemnação, pelo menos no mesmo desdem demolidor, o império e tudo quanto o amparava, e não só o império, uma forma qualquer de auctoridade e tudo o que lhe prestasse alguma força e algum prestígio. A este ambiente dissoluto milagre seria que o exército escapasse. A lição foi dura; mas, felizmente, a França aproveitou-a. Á parte um ou outro desmando, o exército deixou de ser desde 1870 um instrumento de políticos; e quem sabe, comtudo, o que succederia se a guerra se demora uns annos mais...

Vê-se pois d'aqui — e era este o ponto principal a accentuar — que a França de 70 soffria dos achaques que os seus melhores espíritos lastimavam, entretendo illusões singularíssimas acêrca do valor do adversário, bem como da generosidade e desinteresse ao menos das nações da mesma raça, e de tradição affin com a sua.

Sobre a attitude da Áustria e da Itália, inutil repetir o que dissemos.

A ideia que ella se fazia do poder do adversário collige-se da extranha despreocupaçào com que se deixou attrahir para uma lucta desigual. Não obstante os êxitos obtidos pelo exêrcito e a política da Prússia, não parece haver sentido o rebate, fosse embora passageiro, da mediocridade relativa dos seus generaes, dos seus estadistas e dos seus diplomatas. Abstrahindo da bravura do soldado francez, e da experiência que proporcionaram ao seu exêrcito as campanhas do México, da Itália e da Crimeia, a verdade é que poucos valores effectivos podia contrapor aos que a sua rival apresentava. Deixou-se indicadas de leve as suas principaes deficiências no capítulo. Acrescentemos ainda que havia para ella a novidade do que n'esse tempo se principiou a denominar «a guerra científica», isto é, a guerra como um systema d'operações, previamente coordenado até ao último pormenor previsivel, rápida e methodicamente posto em execução.

Fallou-se então bastante com ostensivo desdem, e volta agora a fallar-se, a propósito da campanha aberta ha onze mezes (1), com o mesmo desdenhoso scepticismo na «sciência e na arte militares», e ao mesmo tempo no automatismo do soldado teutónico, no qual se julga assentarem, exclusivamente ao que parece deprehender-se d'ahi, essa arte e essa sciência. E, ainda ao que parece deprehender-se das palavras de vários críticos das ope-

(1) Este ligeiro estudo sobre a França era por nós retomado em fins de junho de 1915, quando interrompíamos, pelo motivo n'elle indicado (pg. 50), a redacção do que o precede.

rações militares realizadas, contrapõem-se-lhes, como outros lhes contrapunham já em 1870, as qualidades étnicas, se o termo é appropriado, e as iniciativas individuaes (imprevisíveis, pelo que da objecção se conclue) de que se mostrem dotados, e capazes nos momentos de recontro, os povos que nos apparecem envolvidos n'uma lucta.

Não é esta a oportunidade para inquirir o que se pretende affirmar por esta superioridade da inspiração occasional e pessoal sobre aquelle pretensso automatismo implicado n'um integral e prévio plano de guerra, offensivo ou defensivo. Não o é, tampouco, de apurar o valor dos dados concretos em que s'estriba a opinião d'esses scépticos, profissionaes algumas vezes, nem se a elaboração preliminar o minudente d'um plano d'esses é incompativel com a iniciativa dos soldados, que tão confiadamente se prefere àquelle supposto automatismo. Limitemo-nos por agora a consignar a surpresa que a concepção da guerra pelos Allemães em 1870 produzira não só nos profissionaes, mas em todos os espiritos cultos que, na França e fóra da França, lhe iam seguindo com attenção as peripécias.

Não era um dos mais ardentes votos de Renan, a que o Eça de Queiroz allude n'um dos seus «*Echos de Paris*», o de não morrer sem lhe ter sido facultado o prazer intellectual, tão grato a um psychólogo impenitente, de desvendar a figura esphyngica do *kaiser*? E não moteja Nietzsche, no «*Par delà le bien et le mal*» se bem nos lembra, da espécie de mêdo supersticioso de Michelet (cuidamos) por um *não sei quê* de mephistophélico que se lhe affigurava descobrir em Frederico, o vencedor da «guerra dos sete annos»? E o facto d'esta como fascinação não está provando que a influencia do Allemão sobre o Francez é maior do que geralmente se presume, e mais viavel pois do que parece uma approximação entre os dous povos?...

É possivel que estejamos illudido: mas julgamos, alleguem o que allegarem os defensores d'um dos grupos de nacionalidades que se cumprimentam na fronteira a tiros de canhão, que o Francez não sente impulso affectivo algum

pelo Inglez, como, tampouco, o não sente nenhum dos povos europeus continentaes, pequeno ou grande. O Inglez não ignora, não põe mesmo a menor dúvida em reconhecer em voz alta, como na Câmara dos Communs se verificou ha pouco ainda, que não só existe a seu respeito essa frieza, mas que é cordealmente detestado pelas nações do continente, — incluíndo a própria Itália, rectificou um deputado ao ouvir o collega excluí-la. Mas a origem da reserva, da repulsa talvez, não é a mesma da que parece haver recentemente surgido, ou explodido, contra a Allemanha e o Allemão; e em todo o caso, não é da mesma natureza o sentimento instinctivo que os dous fortes e originaes typos europeus despertam nas nações circumvisinhas.

O Inglez provoca só o retrahimento natural que toda a creatura de temperamento mais fraco experimenta sempre em face d'um ser, ou d'uma organização vigorosa, franca e tranquillamente exuberante, ainda quando esta não a opprima. É um mixto de timidez, vergonha e receio, da fraqueza deante d'uma pléthora de força; talvez ainda um pouco de inveja, e em casos relativamente raros, d'ódio. Julgamos que o deputado inglez a quem nos referimos, reeditando com soberba ostentação o dito célebre d'um seu compatriota na mesma Câmara dos Communs — de que mal iria á Grã-Bretanha se a preoccupasse a justiça nas suas relações com outros povos — exaggerou propositalmente a sua opinião sincera sobre os sentimentos que suppõe produzir a sua nação nos estrangeiros. Não s'enganou, com certeza, sobre a ausência de qualquer impulso de sympathia a respeito d'ella em qualquer dos outros paizes; porque nem o poderio, sobretudo quando orgulhosamente imposto e proclamado sem rebuço, pôde ser jamais sympathico, nem a Inglaterra seria capaz jamais dos dotes que poderiam desarmar nos povos que submetteu a sua influência as prevenções de que fallávamos. O Inglez pode, quando muito, ser polido; o que não conseguirá nunca é ser amavel, menos ainda ser affavel. Para agradar a homens do Norte, e nem a todos provavelmente, não é im-

possível que a polidez seja bastante; para agradar aos do Sul, requer-se mais alguma cousa. O meridional é expansivo, e é, no fundo da su'alma, um egualitário, um democrata, sejam quaes forem o paiz e a classe a que pertença. Sob este ponto de vista, não se depara com diferenças notaveis entre o Francez e o Italiano, entre o Hespanhol e o Portuguez; todos estes povos são os herdeiros authênticos dos Jónios posteriores ao século V e dos Romanos a contar de Júlio Cesar, mais exactamente, das burguezias e das camadas populares das duas raças, que são os seus elementos politicos e sociaes prevalecentes desde as épochas a que nos estamos referindo. O septentrional, em regra, é concentrado e taciturno, pelo menos reservado e frio na presença d'extrangeiros; tem muito apurado o sentimento da hierarchia, por consequente o reconhecimento espontâneo da superioridade do nascimento, da fortuna e do mérito, e a aspiração latente a distinguir-se, a sobrelevar socialmente pelo seu esforço pessoal. O homem do Norte—parece-nos—oriundo da burguezia ou das classes populares, é no seu íntimo um admirador das aristocracias em sentido geral, dos escoes que sobresaem pela correcção das maneiras, pelo conforto e o luxo da existência, pela extensão ou a profundeza dos talentos, pela solidez ou a variedade da cultura. Exceptuamos grande parte da Rússia europeia, povoada quasi só por Tártaros e outros elementos éthnicos de provavel origem asiática, n'um estadio de civilisação que, afóra os progressos materiaes, não diverge consideravelmente da dos antigos Scythas nómadas. Mas incluímos a Escandinàvia, a Polónia e os Slavos do Danúbio que a conquista romana e a politica das Potências modernas affeiçãoaram, com maior ou menor éxito, pelas ideias e instituições occidentaes.

Objectar-nos-hão que estamos aqui a phantasiar duas Europas, quando realmente o christianismo (a Igreja de Roma, com mais justeza histórica), a Sciência e a grande Revolução de 89 apagaram, esbateram em todo o caso,

quaesquer possíveis diferenças originárias entre as populações que a constituem. É notar só—dir-nos-hão—a fundamental similitude nas crenças, a natureza e a organização similares do ensino, a analogia essencial do Direito, privado e público, a uniformidade das relações internacionaes económico-jurídicas, e até mesmo a concepção homogénea do Estado em toda ella, com inclusão da semi-bárbara Rússia, desde alguns annos.

São observações estas parcial e condicionalmente verdadeiras. Apesar d'esse verniz exterior commum, as divergências, para não dizer a opposição, permanecem. Não queremos fallar já no homem physico, no typo anthropológico, branco, louro, d'olhos azues ao Norte, trigueiro, de cabellos e olhos escuros no Meio-Dia. Fallamos do homem moral, nas profundas diferenças que o separam no character, menos, mas apreciavelmente ainda, na conformação da intelligência; e fallamos do homem social, nas divergências, que vão até ao contraste ás vezes, não menos profundas que o distanciam um do outro.

Circumscrevendo-nos aos traços apenas que interessam ao objectivo d'este opúsculo:

Para aquém do Rheno e dos Alpes, abstrahindo d'uma ou d'outra discrepância que imprime ao typo humano, aqui e adeante, um relêvo inconfundivel, o Castelhana por ex., observa-se: o enthusiasmo prompto, a investida facil, o desalento e a desistência immediatos se os obstáculos persistem, a leviandade, a despreoccupação, a versatilidade, a imprevidência, o orgulho balôfo, a resignação fatalista, a ociosidade enervante, o desamor pela cultura do espirito, e não raro a inveja e a hostilidade surda ou aberta contra as individualidades que se affirmam. O que tudo se pode, com exactidão bastante, resumir n'uma emotividade excessiva e voluvel, n'uma preguiça habitual e voluptuosa, e n'uma impulsividade febril e insensata, indo, em rápida oscillação, da mais violenta das cóleras á mais feminil das piedades. É um temperamento extremamente desigual, essencialmente apaixonado, abrupto e mobil, sem fixidez

nem gradações—o homem do Sul. É um temperamento pois d'aventureiros, de sectários, d'evangelisadores, d'artistas, e também de comediantes, de todo alheio ao sentimento das proporções, avêso ao exame tranquillo das realidades que o cercam, fechado á previsão das contingências e sobretudo dos precalços ulteriores que dos seus sentimentos e resoluções podem sobrevir.

É frouxo n'elle o poder inhibitório da vontade; e o poder de autodisciplina ainda mais frouxo. Nenhuma catástrophe, a não ser imminente, o arranca do seu optimismo ou do seu torpor; como nenhuma consideração, excepto o mêdo, o leva a desistir d'uma chimera ou d'um capricho. De necessidades muito sóbrias, graças em parte á clemência do clima, facilmente se accomoda com a mediania da existência; mas, como a sua imaginação sonhadora, alimentada quasi só por novelas e poesias, além de grandes recordações do passado, geram n'elle uma espécie de constante delírio de grandezas, o desaccôrdo palpavel entre essa muda aspiração e a penúria das aptidões para a tornar realidade entretem-lhe na alma um fermento desagradavel de inveja, de malevolência, e não raro de rancor. Sendo naturalmente sociavel, e até exaggeradamente compassivo, vêmol-o frequentes vezes grosseiro, sarcástico e duro para os que na vida prosperam, se destacam ou triumpham.

É infelizmente verdadeira, não sómente na França mas em todo o mundo latino, a apreciação que um publicista d'aquelle país, Gustavo Le Bon, põe na bôca do «rude germano»: «hoje, entre vós, não ha mais que inveja e ódio». Quería o publicista dizer, cobrindo a franqueza da opinião pessoal com o voto suppositício do «germano», que entre os Latinos desapareceram, ou se vão dia a dia obliterando os sentimentos elevados, de valor individual e collectivo: o amor da pátria, a dedicação pelo bem commum, a estima pelas personalidades eminentes, ou sequer a benevolência, a tolerância, a comesinha equidade, um elementar espirito de justiça nas relações mútuas dos cidadãos da mesma pátria. Malevolência, azedume, inveja, ódio, pelo menos uma

seccura immensa d'alma, são o resíduo que se depara ao observador no cadinho onde outr'ora grandes e nobres virtudes ferviam, tornando este abençoado occidente da Europa a «terra da promessa» para todos os espíritos generosos e para todos os povos progressivos, onde quer que o acaso lhes tivesse feito abrir os olhos, e desconhecidas vicissitudes, da história ou da natureza, os tivessem acantonado. Socialmente, aquellas particularidades ancestraes de character, e estes defeitos que a apparição dos povos concorrentes do Norte tem gradualmente exacerbado, prepararam, ajudados por circumstâncias da história nacional de cada um, o triste espectáculo que as nações latinas d'um modo geral nos vêem exhibindo ultimamente.

Para cá das fronteiras que foram indicadas, e feito o desconto d'alguns esforços e progressos reaes tentados e realisados sobretudo pela França e pela Itália, o quadro pode resumir-se n'estas linhas: a indifferença ou o servilismo politico (posto a lume pela quantidade das abstenções eleitoraes, ou pela facil victória nas urnas, dos governos), a carência nos governantes e nas burguezias que os apoiam d'um pensamento nacional, bem definido e fecundo, e d'um plano dirigente, defensivo pelo menos, em face das aspirações populares contradictórias e confusas; a ignorância profunda (o analphabetismo é uma pecha de Latinos) e a perigosa indisciplina não só das multidões, mas de todas as classes incluindo as do mundo official; o enfraquecimento successivo da auctoridade, sem excluir a que devia resultar da simples affirmação da competência; o predomínio correspondente do rhetórico — bacharel, politicante, jornalista, orador de comícios, litterato de club — isto é, d'agitadores e ambiciosos mediocres, na direcção e no governo supremos das opiniões e dos actos collectivos; a subserviência e a cobardia dos gabinetes, e até das assembleias que dizem representar a soberania da nação, perante qualquer grupo, ajuntamento ou gritaria anormal da praça pública, apezar de, frequentemente, insignificantes, anodynos, grotescos, e quasi sempre inoffensivos; a ten-

dência a nivelar, a reduzir á craveira commum—o que em Biologia se chama «o regresso á mediocridade ou typo médio»—todas as classes, quaesquer que sejam as differenças na tradição que representam, e no papel social que desempenham, e todos os indivíduos, sejam quaes forem as desigualdades no valor que os dotes naturaes ou a cultura introduziram; e como remate lógico da acção d'estes factores desagregativos, o intuito remoto, mas nem por isso menos tenaz e vigilante, d'eliminar toda a forma de superioridade e independência que se vá manifestando, desde que se revela irreductivel, ou de, pela lisonja, a intimidação, o desdém ou a indiferença calculadas, as desarmar e trazer mais cedo ou mais tarde ao rebanho e ao aprisco. O termo que melhor traduz este estado dos espiritos e das sociedades latinas é «mediocracia», e não democracia, embora este seja o rótulo usualmente acceto para a propaganda junto das multidões ignorantes; e o resultado final a que conduz será, questão apenas de tempo, a dissolução dos organismos sociaes, e o triumpho, provavelmente, ora da anarchia das massas ora do despotismo da caserna.

Claro que nos estamos abstando d'emittir a mínima apreciação pessoal sobre a necessidade e as vantajens longinquoas d'esta demolição infatigavel do passado, d'esta ruina progressiva de classes que se téem revelado impotentes para a direcção e o commando, e que nem mesmo agora, deante dos perigos que as esperam, se mostram capazes de resistir, senão já de reconquistar todo o terreno perdido. Queremos dizer com isto que não se cuida de apurar n'este momento se ha o quer que seja de fatal, e mesmo de desejavel n'esse ruir, estrondoso ou silencioso, de velhas auctoridades, ainda ha pouco mais d'um século ouvidas com attenção e acatadas com escrúpulo. Expômos factos simplesmente, deixando a cada pessoa reflexiva que nos lêr liberdade inteira de lhes inquirir das causas e de lhes medir as consequências. E esses factos resumem-se todos n'aquelle estado que atraz se designou pelo termo

«mediocracia», na guerra sôrna ou despejada, sem grandeza e sem pudor, a toda e qualquer individualidade de relêvo, e na louvaminha, na preferência proposital, na selecção ridiculamente azafamada e sôffrega, sem a mínima sinceridade e ainda com menor contentamento, de quanto surge de bem tosco, de bem ignaro, de bem servil, de bem modelado, emfim, pela mediocridade universal que os acclama. Sciência, Arte, a própria Litteratura latinas passaram ao segundo plano, se é que ainda n'elle se conservam. Um ou outro nome, raros, que resoa; uma ou outra obra, raras tambem, que ainda valha a pena folhear; uma ou outra inspiração artistica que seja capaz de nos commover: da exuberância, de ha apenas uns cincuenta annos, é só o que resta. Uma esterilidade, uma carência de energia e de frescura que nos confrange o coração; um Sahara, onde tivesse perpassado o *simun* devastador.

Na política é o espectáculo que o pensador previra de longe, e que toda a gente pode agora comprovar: imprevidência, pusillanidade, indecisão, recriminações, queixumes, intrigas, protestos, atoardas, mentiras, rhetórica. À parte algumas personalidades fortes, de vinco, a eterna mediocridade que não soube prevenir, e que não sabe como sahir d'este *in-pace*, «d'este bêcco sem sahida» conforme lhe parece ter chamado, a esta crise angustiosa, Jorge V. «Exceptuando os srs. Maura e Azcárate — teria dito A. Lerroux no parlamento hespanhol, segundo affirmou, n'um artigo, o último ministro dos estrangeiros da monarchia dos Braganças — os senhores podem tratar-se, todos, por tu». A phrase attribuída ao fogoso radical offerece as máximas probabilidades de verídica. Mas não é sómente na Hespanha que o nivelamento geral dos homens públicos se observa, é no restante mundo latino. Com as resalvas correspondentes á superior intellectualidade italiana e franceza, o mesmo tratamento por tu se devia generalisar aos políticos que se propuzeram dirigir os destinos e os mais graves interesses das nações nossas irmãs. A obra de reconstrucção que ha uns quarenta annos se tem realiado

n'ellas, quasi sómente a homens técnicos pertence, agrónomos, professores, engenheiros, militares. O contingente que tivessem para ahi levado os homens públicos é relativamente secundário, senão muitas vezes negativo. E não esqueça notar que essa obra, comquanto vasta e difficil ás vezes, é essencialmente de pormenor, d'estricta applicação utilitária, que não exigia, nem com effeito accusa, larga concepção e notavel originalidade. Não será mesmo temerário suppôr que alguns d'esses esforços da Técnica, e não poucas das leis reformadoras promulgadas, excedam a média da cultura e da capacidade das populações, pelo menos das classes menos favorecidas, a quem se destinavam.

Dissemos, e repetimos, que o analfabetismo no povo, e o ignorantismo nas classes médias, cuja instrucção foi sempre e deficientemente litterária, eram defeitos geraes entre Latinos, e de que só a França, e só depois do infortúnio de 70, se conseguiu desembaraçar parcialmente, tendo a Itália obtido, ao que parece, resultados ainda menos decisivos, sobretudo na elevação do nivel mental do povo, das cidades e das aldeias. O impulso, claro que veio das suas minorias illustradas, como acontece aliás em todos os outros paizes não latinos, ajudadas com mais ou menos efficácia e persistência pelos governos e os seus funcionários. Mas a este louvavel esforço de cima não é possível affirmar por emquanto que respondeu, coroando-o d'êxito, egual esforço de baixo; não é possível dizer até que ponto as camadas mais profundas, n'uma e n'outra nação, comprehenderam e aproveitaram o generoso pensamento dos seus escoes nacionaes. O desfecho da lucta empenhada ha pouco é que poderá, e só elle, illucidar o interessante problema, se n'ella vierem involucrer-se, conforme tudo leva a presumir, ainda alguns povos mais, e d'ella vierem a resultar acontecimentos sociaes e políticos de vulto.

Compare-se, imparcialmente, com este o quadro que nos exhibe a Europa septentrional, sobretudo as duas nações, Inglaterra e Allemanha, que eminentemente a representam, não obstante as differenças, óbvias de resto,

que as separam. Em linhas geraes, crêmos ser este: uma unidade moral, uma estabilidade política apesar da rivalidade dos partidos, um respeito pela hierarchia social e a tradição sem prejuizo da mais ampla liberdade de pensamento, uma estima espontânea pelas suas individualidades «representativas» como lhes chamam os Ingleses, um amor pela cultura e pelo trabalho, um poder d'iniciativa e d'expansão, uma habilidade e saber técnicos, uma veneração pela pátria, pelas suas instituições, a sua língua e as suas leis, uma disciplina e solidariedade collectivas, enfim, que a nós, incorrigiveis revolucionários descontentes, quasi se nos affiguram superioridades factícias, amplificações impertinentes d'orgulho patriótico, estreiteza e servilismo de populações na realidade inferiores. Com o nosso fundo ethnico, e no emtanto histórico, de poetas e d'artistas, mais artistas ainda que poetas, por conseguinte de comediantes em maior ou menor grau, com a nossa disposição para admirar quanto seja espalhafato, ruído, applauso, palavras sonoras e largos gestos theatraes, custa-nos immenso admittir sinceridade e vislumbrar profundidade n'essas almas do Norte, aparentemente concentradas e frias, e vêr outra cousa que não seja rudeza intellectual e insensibilidade de coração nas phrases breves, nos gestos sóbrios, nos actos decisivos e rápidos que de longe a longe, atravez do noticiário das gazetas, põem uma nota vibrante e forte no zumbido permanente e monótono da nossa vida rotineira.

Essas gentes, ao menos para nós peninsulares, é como se não existissem no rame-rame ordinário da vida, tão arredados, tão nebulosos, tão longinquos nos parecem, não pela distância geographica, mas pelo abysmo moral que se abre entre nós e elles. São uma espécie de brutamontes, ou de mostrengos de face humana, attestados de gin ou de cerveja, que nos grunhem de vez em quando aos ouvidos uns sons ásperos e duros, deixando-nos o tympano a escorrer sangue. O Inglez ainda o conhecemos um pouco, por fóra bem entendido,

poisque lidamos ha muito tempo e mais com elle, e lhe temos, principalmente, sentido a brutalidade, ou se quizerem, a rudeza do contacto; o Allemão, ha uns annos que o vêmos um tanto de perto e a meude, sem sabermos comtudo se é ou não é uma segunda edição do que tem sido, no nosso modo d'apreciar, aquelle nosso fiel alliado. É evidente que nos estamos referindo ás impressões do grande público, abrangendo n'este aquella parte da burguezia que só conhece o estrangeiro como certos leitores conhecem os livros de que fallam, pela capa e pelo título; mas devemos francamente accrescentar que não excluimos de todo as minorias que se suppõem e dizem lettradas, e que, pelo menos entre nós, nem o seu compatriota, o homem do povo em especial, podem com probidade garantir que conhecem. A ignorância da história pátria, mas da história como hoje é comprehendida e, ha mais d'um século, estudada e ensinada na Inglaterra e na Allemanha, é mais um dos bellos dotes que assignalam o Latino. Para que penetrasse no ensino em França foi precisa a catástrophe de 70; e comtudo não ficamos pouco surprehendido ao lêr um dia, não nos lembra agora onde, que havia entre as gerações modernas francezas, apesar do alargamento e a obrigatoriedade do ensino primário, bastantes moços para quem a guerra de 70 era . . . um buraco na memória, ou quando não a ignoravam de todo, uma espécie de mytho, um vago e remoto successo, como por ex. as Cruzadas. Não havia ahi façanha estrondosa a admirar, heroe resplandecente a applaudir; e o amor próprio ferido, com a superficialidade de coração e d'espírito, avêssa a recordações amargas e a meditações absorventes, não permittia tirar da tremenda lição recebida todos os preciosos ensinamentos que encerrava.

Não é este temperamento quasi o contrário do que innúmeros factos nos levam a attribuir a um Inglez e a um Allemão? Quantos desastres exteriores não tem soffrido a Inglaterra? Só nas guerras contra Napoleão havia-os de sobra para ella apredejar os seus generaes


e os seus políticos, descrêr das suas mais authênticas virtudes, e retirar-se definitivamente da lucta, desilludida e fatigada. E bem mais desesperada foi essa phase dolorida para o Allemão, que não podia evocar como lenitivo á sua dôr nacional nenhuma victória refulgente nem um nome triumphante só seus, uma batalha de Trafalgar e um Nelson.

Sabe-se geralmente como os dous grandes povos tiveram o valor de resistir e de reagir. Para quem estudou com algum cuidado esse período interessante, não soffre dúbida que a série de graves revezes que lhes infligiu Napoleão se converteram para ambos no melhor dos incentivos; que foram o ponto de partida, para a Inglaterra, d'uma expansão incalculavel de domínio, e para a Allemanha, d'uma revolução interna sem muitos precedentes na História. e cujos resultados grandiosos todos os pensadores europeus téem seguido com attenção e admiração desde Sadowa, e principalmente desde a funesta data de 70.

Convem observar a este propósito, que a Revolução franceza e Napoleão não deixaram de ter sempre, no decurso de tempo que vai de 1789 a 1815 e ainda mais tarde, admiradores e apologistas na Inglaterra e na Allemanha; que as duas grandes nações, uma já adulta de todo, e outra em vésperas de se tornar, sentiam em si bastante robustez e seiva de mais para não regatearem elogios ao seu genial adversário; que depunham em si sufficiente confiança para combater e vencer o inimigo perigoso e audacioso sem lhe amesquinhar o merecimento. Vale a pena reflectir um pouco n'esta feição de character. Só o fraco e o impotente, só os que por baixa bitola se avaliam, malsinam o adversário que os aggride a descoberto. O forte, o que tem a consciência clara do que vale, poderá offender, impôr mesmo humilhação a quem lhe faz frente com bravura; do que nunca porém se lembrará é de fingir que o despreza se o venceu, e de lhe votar ódio se é vencido. Affectar desprezo e exsudar ódio

são indício infallível de pusillanimidade e de fraqueza, quando o inimigo é d'estatura.

Mostrará o povo francez egual valor para triumphar da rude prova a que vem sendo submettido? Se o desfecho da grande lucta lhe fôr desfavoravel, se tiver de perder colónias, e sobretudo sacrificar mais algum tracto do seu território no continente, saberá reagir contra o desánimo, reconstituir-se com a tenacidade e a fé com que o seu adversário se refez após os successivos desastres que Napoleão lhe infligiu, e preparar-se como elle para reivindicar em nova guerra o que tiver perdido agora? Se lhe fôr, ao contrário, favoravel, saberá resistir ás tentações que d'ahi talvez lhe adviessem? Uma victória não lhe seria, afinal, mais funesta do que um desastre, comtanto que não fosse esmagador? Outras tantas perguntas a que não é possível dar desde já respostas que signifiquem mais alguma cousa do que um simples desejo pessoal. O que se pode affirmar com certeza é que o momento é para elle crítico, e até angustioso, como nunca o foi em período algum da sua história; e que a sua meca subalternisação entre as Potências representaria, quanto a nós, um prejuízo tal para a civilisação do mundo inteiro que o próprio vencedor lhe sentiria em breve o ricochete.



APPÊNDICE



Nota comunicada pelo embaixador da Allemanha em 24 de julho de 1914

As publicações do Governo austro-húngaro com respeito ás circumstâncias do assassinato do herdeiro presumptivo austríaco e de sua esposa revelam de modo claro os fins que se propoz a propaganda da Grande Sérvia, e os meios que esta propaganda emprega para os realizar. Os factos que se publicaram agora devem tambem destruir as últimas dúvidas de que o centro de actividade todas essas tendências dirigidas ao desligamento das províncias eslavónicas do sul da monarchia austro-húngara s'encontre em Belgrado, e ahi trabalhe com a colusão (conluio), ao menos, de membros do Governo e do exército.

Ha muitos annos que as intrigas sérvias vêem proseguindo. O *chauvinismo* grande-sérvio manifestou-se sob uma forma muito especialmente notavel durante a crise da Bósnia. Foi unicamente devido ao alcance da moderação do Governo austro-húngaro e á intervenção enérgica das grandes Potências que as provocações sérvias, a que se viu exposta a Áustria-Hungria, não causaram um conflicto.

O Governo sérvio não cumpriu as promessas de bom comportamento que fez então. Debaixo dos olhos, ou pelo menos com a permissão tácita da Sérvia official, a propaganda da Grande-Sérvia tem continuado a augmentar de intensidade; fica por sua conta o crime recente, cujos fios conduzem a Belgrado. Tornou-se evidente que não seria compativel nem com a dignidade nem com a manutenção da monarchia austro-húngara o continuar ella inactiva em face d'este movimento do outro lado da fronteira, movi-

mento que ameaça constantemente a segurança e a integridade dos seus territórios.

N'estas circumstâncias, o procedimento e as reclamações do Governo austro-húngaro podem considerar-se unicamente como justas e moderadas. Apesar d'isso, a attitude que ultimamente assumiram não só a opinião pública mas também o Governo da Sérvia não exclue o receio de que o Governo sérvio possa recusar assentir a essas exigências, e deixar-se arrebatado por uma attitude provocadora contra a Áustria-Hungria. O Governo austro-húngaro, a não querer a Áustria abandonar definitivamente a sua posição como grande Potência, não tinha pois outra escolha (expediente) senão exigir do Governo sérvio, exercendo sobre este uma forte pressão, que accettesse os pedidos da Áustria, e se fosse necessário, empregar medidas militares, competindo-lhe escolher (para isso) os meios.

O Governo imperial deseja sublinhar a sua opinião de que, no caso presente, só entra em discussão um assumpto que se deve ajustar exclusivamente entre a Áustria-Hungria e a Sérvia, e que as grandes Potências devem seriamente procurar deferir tal assumpto ás duas partes a quem toca mais directamente. O Governo imperial deseja com urgência que se localise o conflicto; porque toda e qualquer intervenção por lado d'outra Potência seria seguida, graças ás diferentes obrigações dos tratados, por consequências incalculaveis.»

(*Correspondência do Governo britânico, Documento n.º 9*).

ADVERTÊNCIA

Não tendo sido possível publicar no meu opúsculo anterior «*O nó dos Balkans*» tanto este documento official como os fragmentos d'outros, illucidativos de factos que evoquei, e de afirmações que fiz e terei de fazer, relativamente á grande guerra, aqui se reproduzem da mesma

Correspondência do G. britânico, os que se me affiguram menos dispensaveis á crítica imparcial d'esse conflicto. A nota allemã que venho de transcrever mostra-nos qual foi n'elle, desde as primeiras horas, a attitudo da Allemanha. Da sua leitura isolada parece dever concluir-se que havia em Berlim repulsa insuperavel ao deslocamento da questão; foi, pelo menos, o que eu próprio concluí, antes de percorrer na íntegra a collecção de despachos officiaes que o Governo inglez mandou traduzir e divulgar no nosso, e sem dúvida tambem n'outros paizes. Examinando-a depois detidamente, pareceu-me porém que essa conclusão era talvez precipitada. Pelos extractos que seguem, veja o leitor se consegue fixar-se n'uma opinião que melhor se ajuste ás occorrências, taes como se julga d'elles inferir-se.

No documento n.º 45, communica *sir* E. Grey ao embaixador da Inglaterra em Berlim, *sir* E. Goschen, o seguinte:

«O embaixador allemão informou-me de que o Governo allemão acceta como princípio a mediação entre a Áustria e a Rússia pelas quatro Potências, reservando, naturalmente, o seu direito, como alliado, a auxiliar a Áustria se esta fôr atacada. Tambem foi instruído para me pedir que influísse em São Petersburgo para se localisar a guerra e manter a paz da Europa».

As quatro Potências eram Allemanha, Itália, França e Inglaterra; a proposta da mediação era, pelo theor do documento n.º 24, da iniciativa de *sir* E. Grey, e pelo visto, fôra acceta pela Allemanha. Mas n'um despacho (n.º 93) de *sir* M. de Bunsen, embaixador da Inglaterra em Vienna, para *sir* E. Grey, lê-se: «A não ser que a mediação, que o Governo allemão se declarou prompto a offerecer de combinação com tres outras grandes Potências não immediatamente interessadas na contenda austro-sérvia, s'effectue immediatamente, poderiam dar-se passos irrevogaveis, visto o estado d'espírito actual d'este paiz» (da Áustria)

Affirma-se aqui, pois, que a mediação fôra *offerecida*, e no doc. n.º 45 que fôra *acceta* pela Allemanha. A diffe-

rença é demasiado óbvia para que valha a pena insistir n'ella. O mais provavel é que o traductor da Collecção de que me sirvo não reproduzisse em portuguez o sentido exacto da passagem transcripta do telegramma n.º 93, redigido certamente na sua língua. De quem quer que tenha sido a iniciativa da mediação, é no emtanto seguro que, em princípio ao menos, a Allemanha, como igualmente a Áustria de resto, não lhe contrapoz a repulsa invencível que eu de começo imaginara. Tendo eu asseverado no folheto «*A situação militar europeia*», a pg. 51, que, «em face dos documentos conhecidos», a Allemanha «foi a promotora d'esta guerra», era indispensavel sobrestar n'um juízo demasiado peremptório, pois que a própria documentação invocada o torna um tanto duvidoso. Estou-me referindo ao que passou entre as grandes Potências, segundo a correspondência do Governo britânico, depois da apresentação á Sérvia do *ultimatum* da Áustria-Hungria. Vêr-se-ha, podendo ser, se o que antes d'essa data vinha decorrendo, quer dizer, se os precedentes do conflicto, ainda que na estricta esphera diplomática, obrigam a lançar a sua responsabilidade exclusiva sobre a Áustria-Hungria e a Allemanha. Aos grandes povos, como aos grandes homens, deve-se-lhes justiça e veracidade, unicamente; a injúria ou a louvaminha só poderão admittir-se para as pequenas nações e para os homúnculos.

Quanto a outra passagem, a pg. 36 de «*O nó dos Balkans*», acêrca da «sympathia da Inglaterra pela causa austríaca a propósito do attentado de Serajevo», e da «sua intenção firme de se não envolver n'um conflicto por uma questão dos Balkans», ahí vão os extractos, da mesma Correspondência britânica, que as põe fóra de questão: «Aborrecia-me muito a ideia d'uma guerra entre quaesquer grandes Potências, e seria detestavel que qualquer d'ellas fosse arrastada para uma guerra pela Sérvia». Com esta franqueza escrevia *sir* E. Grey ao encarregado de negócios da Inglaterra, *sir* H. Rumbold, em Berlim

(Doc. n.º 1). E telegraphando uma conversa que tivera com o conde Mensdorff, embaixador austríaco em Londres, ao embaixador inglez em Vienna, *sir* M. de Bunsen, exprimia-se d'este modo:

«O assassinato do archiduque e algumas das circumstâncias relativas á Sérvia, citadas na nota (da Áustria), despertavam viva sympathia pela Áustria, como era d'esperar, mas ao mesmo tempo (eu) nunca tinha visto um Estado endereçar a outro Estado independente um documento de character tão formidavel» (Doc. n.º 5).

A mesma linguagem se lê em diferentes despachos de *sir* M. de Bunsen. Assim, n'uma conversa com o seu collega allemão junto do Governo de Vienna: «Era natural sympathisar com muitos dos pedidos do *ultimatum*, mas teria sido melhor que estes pedidos se tivessem redigido em termos mais sóbrios» (Doc. n.º 31); n'uma visita feita ao conde de Berchtold: «Ao despedir-me de Sua Excellência, pedi-lhe a fineza de querer acreditar que, se no decurso da presente grave crise o nosso ponto de vista era um pouco differente do seu, isto não era devido ao facto de que não sympathisássemos com as muito justas queixas da Áustria-Hungria contra a Sérvia, mas sim ao facto de que, emquanto a Áustria punha em primeiro logar a sua contenda com a Sérvia, V. Ex.^{cia} (*sir* E. Grey) estava ancioso, em primeira instância, pela paz da Europa» (Doc. n.º 61); e em nova entrevista com o mesmo ministro austríaco dos negócios estrangeiros: «Declarei não ter conhecimento de qualquer falta de sympathia por parte da Inglaterra para com a Áustria no assumpto dos seus legítimos agravos contra a Sérvia»...

Uma transcrição apenas mais, para terminar. São palavras de *sir* G. Buchanan, n'uma entrevista com o sr. Sazonof, ministro russo dos negócios estrangeiros, e o embaixador francez em Petersburgo: «Interesses directos britânicos na Sérvia não existiam, e uma guerra em favor d'este paiz nunca seria approvada pela opinião pública ingleza». (Doc. n.º 6).

Creio pois que se terá entendido por uma vez que um trabalho de crítico não é o mesmo que uma obra de sectário. As predilecções ou antipathias pessoases, por sinceras e legítimas, não desculpam toda a espécie de desabafos, muito menos a má-fé. Se nem ao ser mais desprezível se negou jámais o direito de defeza, como não ser equitativo e leal para os povos, pequenos e grandes, que jogam n'este momento o seu destino?



SUMMÁRIO

A Confederação da Allemanha do Norte, pg. 5 a 9.
O despacho d'Ems e a declaração da guerra pela França, pg. 9 a 14.

◆ Digressão opportuna: povos imperialistas, pg. 14 a 20; povos humanistas, pg. 20 a 31.

A campanha de 70: planos e forças dos dous adversários, pg. 31 a 33; da fronteira até Pariz, pg. 33 a 40; a situação de Paris e da República, pg. 41 a 44; os exércitos de Gambetta, pg. 44 a 49.

Ensinamentos da guerra de 70, pg. 49 a 56. O Francez deante do Allemão e do Inglez, pg. 57 a 59.

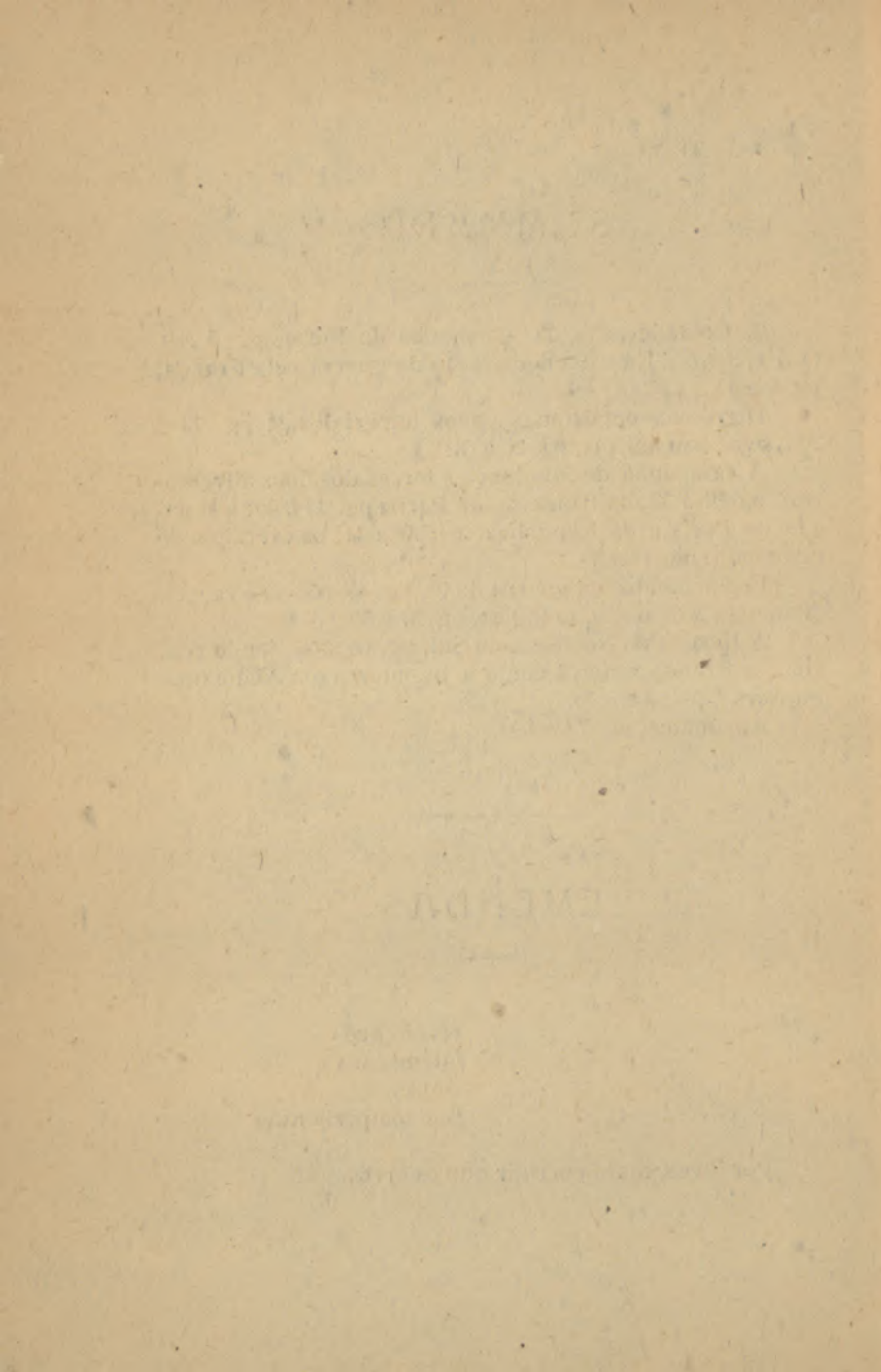
A Europa do Norte e a do Sul, pg. 60 a 68. Sendo vencida, a França reagirá como a Inglaterra e a Allemanha our'ora?, pag. 68 a 70.

Appêndice, pg. 73 e seg.

EMENDAS

LIN.	PAG.	
18	9	receio que
2	26	intempestiva
28	33	Douay
10	54	É a comprehensão

Por leves, inutil corrigir outros erros.



LIVRARIA FIGUEIRINHAS

Rua das Oliveiras, 75 — PORTO

BAZILIO TELLES

Opusculos já publicados

PRIMEIRO: I — Ditadura; II — Regimen Revolucionario. 1 vol. (esgotado).	
SEGUNDO: III — A Constituição; IV — Finanças. 1 vol.	\$10
TERCEIRO: V — A Questão religiosa. 1 vol.	\$15
A situação militar Europeia	\$20
O nó dos Balkans	\$20
A França e a guerra de 70	\$20

JOSE AGOSTINHO

A Chave dos Lusíadas. 1 grosso volume . .	1\$00
A Tragedia Marítima. Em 4 volumes broch. .	1\$20
À Roda de Portugal. Em 2 volumes broch. .	1\$00
À Roda do Brasil. 1.º volume broch. . . .	\$50
O Brasil. Romance historico	\$50
Rei Infame. Romance	\$30
A Mulher em Portugal. Brochado.	\$50
O Homem em Portugal	\$60